



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS
PROFFLIND

DILCILENE DA SILVA MENEZES

AS CLASSES LEXICAIS DA LÍNGUA MEBÊNGÔKRE

RIO DE JANEIRO

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS
PROFFLIND

DILCILENE DA SILVA MENEZES

AS CLASSES LEXICAIS DA LÍNGUA MEBÊNGÔKRE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marcia MariaDamaso Vieira

RIO DE JANEIRO

2018

DILCILENE DA SILVA MENEZES

AS CLASSES LEXICAIS DA LÍNGUA MEBÊNGÔKRE

Banca Examinadora:

Profª Drª. Marcia Maria Damaso Vieira -PROFLLIND-MN - Orientadora

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Profª Dra Marília Lopes da Costa Facó Soares - PROFLLIND- MN

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Profª. Dra. Maria Riveiro Quintans Sebold - PPG Letras Neolatinas -FL

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Profª Dra Tania Conceição Clemente de Souza-PROFLLIND -MN (suplente)

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dr. Humberto Peixoto – PPG Linguística-FL (suplente)

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

S237t Menezes, Dilcilene da Silva
As Classes Lexicais da língua Mebêngôkre / Dilcilene da
Silva Menezes. -- Rio de Janeiro, 2018.
143f. : il. (color.)

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Maria Damaso Vieira
Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio de
Janeiro : Museu Nacional, Mestrado Profissional em
Linguística e Línguas Indígenas - PROFLLIND, 2020.

1. Língua Mebêngôkre. 2. Família Linguística Jê. 3. Léxico.
4. Universalidade. I. Vieira, Marcia Maria Damaso. II. Título.

CDD 498

Dedico em memória de meu pai Ismael, com você aprendi muito, mais acima de tudo que o amor de pai é eterno e incondicional.

AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa é a Prof.^a Dr.^a Márcia Damos Vieira, por ter aceitado orientar a presente dissertação, por todo apoio, crítica e por todos os momentos de reflexão que me proporcionou. A todas as pessoas do meu contexto profissional, que me acompanharam ao longo desta travessia, gostaria de deixar um sinal de grande estima à Rosilda Saldanha, Luciene, Fátima e Ivany. Assim, como aos amigos de toda a vida que são parte integrante de qualquer percurso Nezilda, Junior, Francisca e Dagmar. Ao Junior pela atenção a todos os momentos em que precisamos na etapa de mestrados. A Elicia por se ter revelado, mais uma vez, uma grande amiga na etapa final deste trabalho. Ao Daumesnil pelos anos que estamos juntos, pela compreensão e pelo apoio constante. À minha irmã pelo incentivo e apoio nos momentos mais difíceis. Em memória do meu Pai Ismael de Oliveira Menezes, e a minha Mãe Darlene quero aqui agradecer o quanto contribuíram para eu ter chegado a esta etapa da minha vida acadêmica. Além da confiança e do estímulo que sempre me dispensaram, agradeço-lhes por terem me ensinado sempre o respeito pelo estudo, pelo trabalho e pela responsabilidade. Obrigada a todos por me terem acompanhado nesta caminhada. Em especial, à Marília Faco, exemplo de defensora de uma política de inserção de alunos indígenas na Pós-Graduação em Linguística, com o olhar que tem sobre o protagonismo dos próprios indígenas no estudo linguístico das línguas brasileiras. A admiração que tenho por ela é a de ver a inteligência que tem e o compromisso com o seu trabalho. Na oportunidade, quero agradecer a comunidade de Kôkraxmôr e ao Cacique Bârâbât Kayapo, que me proporcionou o acesso aos saberes desta comunidade, pois sem este eu não teria condição de elaborar essa dissertação. A Eunice e seu esposo Paulo, pelo apoio que deram no momento que eu mais precisava, pela contribuição na complementação de informações que eu precisava para o meu trabalho acadêmico. Aos meus três filhos, Daylanna Jordana Menezes Santos, Darlan Menezes Santos e Dennis Menezes Santos e meu irmão Davi da Silva Menezes, pela amizade. Em memória do Reinaldo Tikuna, e Benezuete Mura, quero agradecer aos mestrados deste curso, pelas trocas de experiências, amizade e o respeito. Aos Professores da UFRJ, do Curso Profissional de Linguística e Línguas Indígenas pelos ensinamentos durante nossa formação na Pós-Graduação em Linguística, e pela consideração a nós alunos pesquisadores não indígenas e indígenas.

Para a concretização deste trabalho, contei, em momentos importantes, com a preciosa colaboração de diversas pessoas Bebîn Kayapo, Betire Kayapo, Tàkàkti Kayapo, Kôkôkumem Kayapo, Antonio Felix, Telma, Pàtkàre Kayapo, Bepdjà kayapo.

RESUMO

O trabalho intitulado “As classes lexicais da língua Mebêngôkre” traz uma descrição das classes lexicais na língua, incluindo alguns aspectos culturais do povo que a fala. Mebêngôkre pertence à família linguística Jê (RODRIGUES, 1986), e é falada em alguns municípios do estado do Pará e município do Mato Grosso, sendo 5.000 indivíduos falantes. Identificamos nessa língua duas classes: a lexical e a funcional. Na classe lexical estão nomes, verbos, adjetivo, advérbio, posposição; e, na classe funcional, marcador temporal, aspectual, e modais, pronomes, demonstrativos, interrogativos, complementizador, verbos auxiliares e sintagmas. Esta dissertação foi construída à luz das abordagens de OLIVEIRAS (2003), SALANOVA(2001), COSTA (2015), REIS SILVA(2001), BORGES(1995), MICKEY & THOMSON(1976). Os dados que fundamentaram este trabalho foram registrados junto a informantes da comunidade, e da observação que tenho feito do uso dessa língua ao longo de dez anos atuando como docente.

Palavras-chave: Língua Mebêngôkre, Família Linguística Jê, Classes de palavras.

ABSTRACT

The work entitled "The lexical classes of the Mebgoggrey language" brings a description of the lexical classes in the language, including some cultural aspects of the people who speak it. Mebêngôkre belongs to the linguistic family jê (RODRIGUES, 1986), and is spoken in some municipalities in the state of Pará and Mato Grosso, 5,000 individuals. In this language we identify two classes, both lexical and functional. In the lexical class names, verbs, adjective, adverb, postposition and functional class, temporal marker, aspectual, and modal, pronouns, demonstratives, interrogatives, complementizador, auxiliary verbs and syntagmas. This dissertation was constructed in the light of approaches OLIVEIRA (2003), SALANOVA (2001), COSTA (2015), REIS SILVA (2001), BORGES (1995), MICKEY & THOMSON (1976). The data that supported this work were registered with informers of the community, and the observation that I have made of the use of this language during ten years acting as a teacher.

Keywords: Mebêngôkre Language, Jê Linguistic Family, Word Classes.

LISTA DE ABREVIACÕES

Af. Verb.= afixo verbal

Conj. = Conjunção

Dem. = demonstrativo

Erg. = ergativo

Fem. = Feminino

Fut. = Futuro

Obj.= Objeto

Int. = Intransitivo

Masc. = Masculino

N= Nome

Nfut= Não-futuro

Refl.= Reflexivo

Pl. = Plural

Pc.=paucalP

Plur.=Pluralizador de humano

Poss. = Possessivo

Sg. = Singular

Pron. = Pronome

Prop. = Próprio

SNs= Sintagma Nominal

ADs= Sintagma Adjetival

Sps= Sintagma pos-posicional

1^a= Primeira pessoa

2^a= Segunda pessoa

3^a= Terceira pessoa

LISTA DE SIGLAS

FUNAI- Fundação Nacional do Índio

IBGE- Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico

MICEB- Missão Indígena Cristã Evangélica do Brasil

PNLD- Programa Nacional do Livro Didático

RCNEI- Referencial Curricular Nacional das Escolas Indígenas

SIL- Sumer Institut of Linguistic

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. .Formação das aldeias Mebêngôkre.....	33
Quadro 2. Tronco Macro Jê	39
Quadro 3. Subgrupo da família da <i>Jê</i>	40
Quadro 4. Línguas das famílias da <i>Jê</i>	41
Quadro 5. Pesquisas Linguística na Língua Mebêngôkre	45
Quadro 6. Pronomes Possessivos.....	53
Quadro 7. Os números	60
Quadro 8. Verbos Intransitivos e afixos	68
Quadro 9. Verbos transitivos e afixos	70
Quadro 10. Posposições	77
Quadro 11. Marcadores temporais, aspectuais e modais	79
Quadro 12. Pronomes livres	82
Quadro 14. Pronomes presos	84
Quadro 14. Verbos descritivos	85
Quadro 15. Pronomes ergativos	86
Quadro 16. Pronomes demonstrativos	87
Quadro 17. Pronomes Interrogativos	88
Quadro 18. Competências gerais do ensino de Língua como L1 e L2.....	98
Quadro 19- Substantivos Alienáveis	107
Quadro 20- Substantivos inalienáveis	107
Quadro 21- Aumentativo e Diminutivo.....	108
Quadro 22- Singular e Plural.....	111

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa das Aldeias da Terra Indígena Kayapo.....	22
Figuras 2. Mapa das terras Indígenas Mebêngôkre	23
Figuras 3. Aldeia Kôkraxmôr	31
Figura 4. Nheprô Kayapo retirando mandioca.....	91
Foto 5. Nhakanga Kayapo.....	91
Figura 6. Cesto.....	92
Foto 7. Periquito.....	93
Foto 8. Jabuti.....	93
Foto 9. Aldeia Kôkraxmôr.....	94
Foto 10. Grupo de meninos.....	94
Foto 11. Homem dançando.....	95
Figura 12. Meninas Kayapo.....	96
Figura 13. Meninas Kayapo.....	97
Figura 14. MeninasKayapo.....	97
Figura 15. Meninas Kayapo.....	98
Figura 16. Casa Mebêngôkre.....	98
Figur 17. Casa Indígena.....	99
Figura 18. Aldeia Kôkraxmôr.....	100
Figura 19. Canoas Mebêngôkre.....	100
Figura 20. Mulher Mebêngôkre fazendo pintura.....	107
Figura 21. Meninos Brincando.....	107
Figura 22. Indígenas pescando.....	108
Figura 23. Mulheres fazendo berarubu.....	108
Figura 24. Ilustração de indígena em sua canoa.....	109
Figura 25. Menina Mebêngôkre Enfeitada.....	111
Figura 26. Pulseiras Mebêngôkre.....	111
Figura 27. Rio Xingu.....	112
Figura 28. Ilustração de um macaco.....	113

SUMÁRIO

Considerações iniciais-----	28
1. Capítulo I. Introdução Histórica e etnográfica dos povos Mebêngôkre-----	31
1.1 O povo Mebêngôkre e sua trajetória-----	36
1.2 A língua Mebêngôkre-----	36
1.3 O tronco Macro Jê-----	37
1.4 As famílias jê-----	41
1.5 Locus da pesquisa-----	42
1.6 Estudos lingüísticos sobre a língua Mebêngôkre-----	42
1.7 Trabalho de campo-----	46
1.8 Coleta de dados-----	48
Capítulo II. Descrição das classes lexicais Línguas Mebêngôkre-----	50
2.1 Categorias lexicais-----	51
I- Critério Morfológico-----	51
II- Critério Sintático-----	51
I- Critério Semântico-----	52
2.2 As categorias lexicais em Mebêngôkre-----	52
2.2.1 Os nomes-----	52
2.2.1.1. Conclusões Sobre Os Nomes Em Mebêngôkre -----	61
2.2.2 Verbos-----	62
I. Tempo-----	62
II Aspectos-----	63
IV Vozes-----	65
V. Tipos de verbos-----	67
V.a Verbos Intransitivos-----	67
V.b Verbos Transitivos-----	68
V.c Verbos Bitransitivos-----	71
2.2.2.1 Conclusões Sobre Os Verbos Em Mebêngôkre -----	71
2.2.3- Adjetivo-----	72
2.2.3.1Conclusões Sobre Os Adjetivos Em Mebêngôkre -----	74
3.2.4- Advérbios -----	76

2.2.4.1 Concluindo sobre os advérbios do Mebêngôkre -----	76
2.2.5- Posposição-----	77
2.2.5.1 Concluindo sobre as Posposições do Mebêngôkre -----	78
2.3 Categorias Funcionais-----	78
2.3.1 Marcadores temporais, aspectuais e modais -----	78
2.3.3 Pronomes-----	80
2.3.4 Pronomes Demonstrativos-----	86
2.3.5 Pronomes indefinidos-----	87
2.3.6 Pronomes interrogativos-----	88
2.3.7 Complementizador-----	89
2.38 Os verbos auxiliares-----	89
2.4 Os sintagmas-----	90
Capitulo III - Esboço inicial para uma futura gramática Bilíngue - Mebêngôkre /português. -----	95
3.1 O Ensino da Língua Portuguesa para os povos indígenas-----	97
3.2 A importância do Material Didático Bilíngüe -----	99
3.2 Experiência docente-----	101
3.3 Esboço gramatical inicial-----	102
4. Considerações finais-----	131
5- Referências Bibliográficas-----	133

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para nos expressarmos, utilizamos dos recursos que a língua disponibiliza. Porém não podemos usar os recursos da língua de forma solta ou aleatória, todas elas possuem uma determinada estrutura, quando inseridas em uma construção, assumem funções e papéis específicos, de modo a tornar clara a mensagem que proferimos. Essa atribuição do significado das palavras está associada à classe gramatical a qual pertence. Existem dois tipos de palavras ou morfemas: as lexicais e as funcionais. As lexicais têm conteúdo semântico, já as funcionais têm conteúdo gramatical.

As palavras com conteúdo lexical são classificadas nas línguas como: substantivos/nomes, verbos, adjetivos e adposições. Existem ainda classes não-nucleares como os advérbios. Para alguns pesquisadores, como Chung (2014), essas quatro classes lexicais são universais. Isto é, são encontradas em todas as línguas naturais. Mas essa hipótese não é compartilhada por todos. Tallerman (1998) dá exemplos de línguas que não possuem a classe de adjetivos.

Os morfemas de função gramatical parecem poder variar nas línguas. Nem todas as línguas possuem marcadores de caso ou determinantes, por exemplo.

A investigação das classes lexicais e funcionais em uma língua se baseia em critérios. Os critérios formais- sintáticos e morfológicos são os mais usados (Radford, 1998). As palavras ou morfemas são atribuídos a diferentes classes tendo em vista o tipo de morfologia derivacional ou flexional a qual se agregam e a sua distribuição e função dentro da sentença.

Esta dissertação tem como objetivo propor uma descrição das categorias lexicais e funcionais na língua indígena Mebêngôkre, a partir de dados obtidos por questionários aplicados entre os falantes nativos da língua. Como objetivo secundário, pretende-se apresentar um esboço inicial de uma gramática destinada ao ensino de crianças falantes de Mebêngôkre.

Os dados aqui apresentados são dados linguísticos primários coletados pela autora desta dissertação e também observados nos seguintes trabalhos: SALANOVA (2001), COSTA (2015), REIS SILVA (2001), BORGES (1995), MICKEY & THOMSON (1976).

O Mebêngôkre língua é falado por cerca de 5.000 pessoas distribuídas em treze aldeias principais situadas no município de São Felix do Xingu (PA) e em cidades do Mato grosso.

Esta dissertação é apresentada em três capítulos: o primeiro capítulo contém, uma breve introdução sobre o histórico, a localização geográfica, e a língua Mebêngôkre. O segundo capítulo é dedicado à descrição e análise das classes lexicais e funcionais do Mebêngôkre. O terceiro capítulo apresenta um esboço gramatical referente às classes de palavras observadas na língua que se desenvolverá no futuro em material didático a ser aplicado nas salas de aula da comunidade Mebêngôkre. A conclusão retoma os pontos principais deste trabalho e indica perspectivas futuras de pesquisa.

CAPITULO I - INTRODUÇÃO HISTÓRICA E ETNOGRÁFICA AOS POVOS MEBÊNGÔKRE

Neste capítulo discorreremos sobre a trajetória do povo Mebêngôkre no território e suas cisões. Apresentamos estudos históricos comparativo para o agrupamento das famílias Jê e o Tronco Macro Jê, informando a localização de cada família e a situação lingüística das línguas, e comentaremos a formação histórica da Aldeia Kôkraxmôr, a localização, a população, seus aspectos socioeconômicos, sociopolíticos e socioculturais e a situação da língua.

1.1.- O POVO MEBÊNGÔKRE E SUA TRAJETÓRIA

De acordo com Turner (1995), O termo caiapó ou Kaiapo, foi descrito pela primeira vez no início século XIX, sendo uma nomeação de outras etnias. Kaiapo ou caiapó, aqueles que parecem com macaco, por usarem mascaram para realizar as danças, e pulam assemelhando aos macacos. Os próprios se designam Mebêngôkre que são pessoas que vieram da água, Vidal (1991), traduz o termo Mebêngôkre como *me*: gente, *bê*: categoria, estado ou ser, *ngô*: água, *kre*: buraco.

Segundo Turner (1991) o nome Mebêngôkre tem grandes valor sentimental, pois expressa o respeito ao vínculo materno que o kayapo tem para com a água, pois a mesma exerce sobre eles força e magia, além de representar o começo, o nascimento, renascimento, e a vida. Como vemos na abordagem literária de Lukesch (1969):

Daí o sentido imagético da água como significado de um princípio vital para os kayapo [...] o buraco Da água pode conota o útero materno no qual o Primeiro foi gerado, e o rio simboliza o canal da vagina que serviu de caminho ao primogênito até a terra. Lukesch (1969)

Para eles, a água e o início de tudo. Acredita que o primeiro homem Mebêngôkre foi fabricado no umbigo da terra. Segundo relatos dos anciãos “homens mais velhos” o primeiro Mebêngôkre, um menino (meprire), teria sido originado no fundo de um rio, o menino foi protegido pelas águas sagradas que o alimentara até o final do ciclo de seu nascimento, ele foi envolvido num invólucro uterino representado por uma armação de varas e a sua alimentação era à base de batata essências medicinais da floresta, trazidos pelos espíritos da natureza.

Essa criança teria sido passo a passo preparada fisicamente e espiritualmente para enfrentar os perigos que encontraria na terra. Tudo isso teria acontecido durante a gestação, depois do ciclo de formação ter sido concluído, o menino surgiu das águas e originou a primeira família Mebêngôkre,

No início do século XIX, conforme VERSWIJVER (1978) os Mebêngôkre foram localizados em três grupos no baixo do Rio Tocantins, os Gorotire kumrenhtx, os Irã'ãmranh-re e os Porekry, conhecidos como traiçoeiros e terror dos civilizados. 'Gorotire kumrenhtx, significa 'os homens do grupão verdadeiros', Irã'ãmranh-re os que 'andam pelo cerrado', e os Porekry 'os homens bambuzinhos'.

Segundo VERSWIJVER (1978) , durante séculos os Mebêngôkre entraram em conflitos com os não indígenas e outras etnias, o que levou a migração dos grupos Gorotire kumrenhtx e os Porekry para outras áreas do oeste do Rio Xingu. Entretanto os Mebêngôkre em 1936 entraram em conflitos internos e se dividiram de duas aldeias para dezesseis aldeias.

Os Mebêngôkre dos grupos Porekry e os Irã'ãmranh-re, se dividiram novamente, e muitos morreram com as epidemias e em luta entre eles próprios, com longos períodos de conflitos. Os conflitos internos entre Mebêngôkre aconteciam porque os grupos eram muito grandes e as idéias começavam a divergir, um dos motivos principais que simpatizaram com os não indígenas e seus produtos, e os que resistiam o contato, então procuravam por outra área e sumiam.

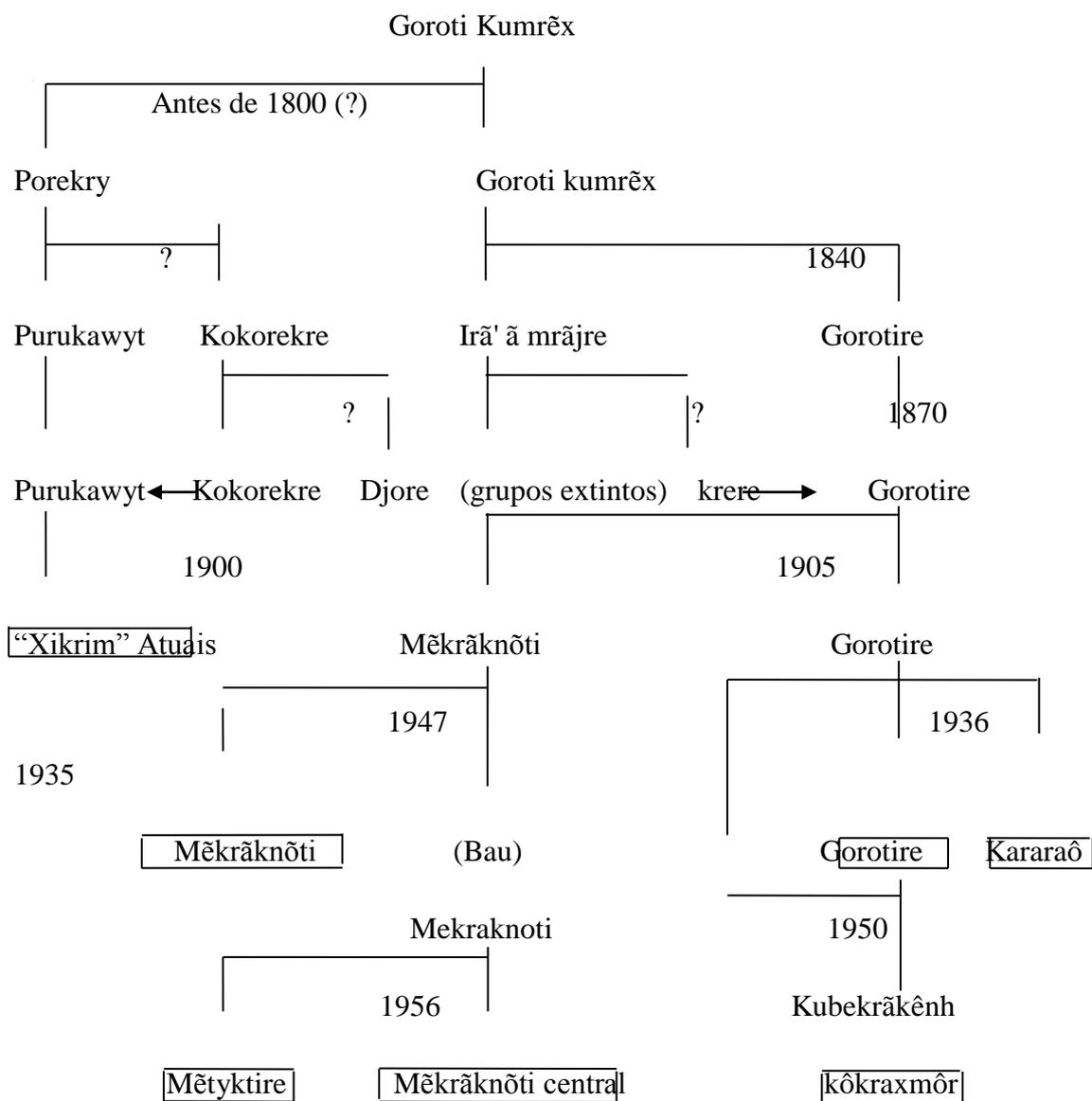
Em 1935 Gorotire se dividiu e formaram-se os Kararaô, em maio de 1935 três missionários da MICEB (Missão Indígena Cristã Evangélica do Brasil), tentaram entrar em contato com o Gorotire do Riozinho, foram mortos. Nesta mesma época os Gorotire mudaram de área, encontrando os Assurini, onde lutaram e muitos foram mortos.

O grupo Gorotire se dividiu novamente e formou-se Kubekrãkeh, no qual 800 Mebêngôkre buscaram refúgio dos próprios Mebêngôkre em Nova Olinda uma Vila de não indígenas, nesta vila não havia os recursos necessários como remédios e alimentos para todos os indígenas e a SPI (serviço de Proteção Indígena), não conseguiram da assistência ao grupo de 800 Mebêngôkre, então eles foram removidos a outras áreas. Durante os manejos de trocas de áreas, alguns Mebêngôkre foram infectados por epidemias de diferentes doenças e morreram, e outros mortos em conflito entre os outros grupos ficaram somente 100 Mebêngôkre.

O grupo Porekry, foi dividido em grupo Purukarwyt e Kokorekre, onde uma parte da aldeia Kokorekre se dividiu e formou-se a aldeia Djore que foi extinta, o grupo Purukarwyt e Kokorekre juntaram-se e formaram os Xikrin atuais.

O grupo Irã'ãmranh-re em 1870 foi dividido em dois grupos, um foi extinto e não se tem informação sobre a nomeação do seu grupo, e o outro grupo foi nomeado em Krêre que se juntou novamente com Gorotire. (VERSWIJVER 1978). Os grupos Mebêngôkre após atravessar o Araguaia conforme o quadro abaixo:

Quadro 1- Formação das Aldeias Mebêngôkre



Fonte: Reis Silva (2001) apud Quaresma (2012)

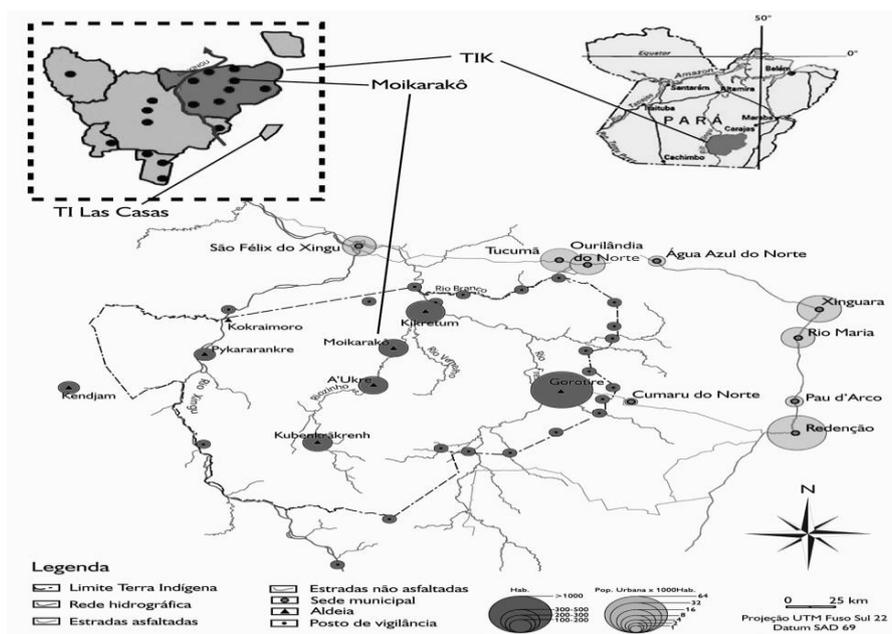
Segundo Turner (1993), a MICEB (Missão Indígena Cristã Evangélica do Brasil), sabendo da chegada dos Mebêngôkre em Nova Olinda, mandou dois missionários para

povoado, que conversaram com os Mebêngôkre e constaram através de relatos que os três missionários tinham sido mortos. Neste momento os missionários ganharam a confiança deles, auxiliando com alimentos e atendimentos médicos. Assim foi começo da pacificação do povo Mebêngôkre do sul do Pará.

O povo Mebêngôkre do Estado do Mato Grosso, os Mekrãngôti foram formados 1905 a partir de Gorotire e no ano de 1947 se dividiu e formou-se o grupo do Baú, que 1956 se se dividiu e formaram-se os Mektyktire. Passaram também pelo processo de pacificação, e a criação do Parque do Xingu. (SALANOVA, 2001)

Os Mebêngôkre depois do contato da pacificação vieram viver em aldeias desparas ao longo do Rio Xingu, Rio Fresco, Rio Iriri, Rio Bacaja, e Rio Catete. Segundo dados fornecidos pela FUNAI do Censo do IBGE 2010, os Mebêngôkre estão situados no Município de Cumaru do norte, Bannach, Ourilândia do Norte com a superfície de 3.284.004,9719 hectares de terra, tradicionalmente ocupada¹ e regularizada. E no Parque do Xingu no Estado do Mato Grosso. De acordo com o mapa abaixo:

Figura 1- Mapa das Aldeias da Terra Indígena Kayapo



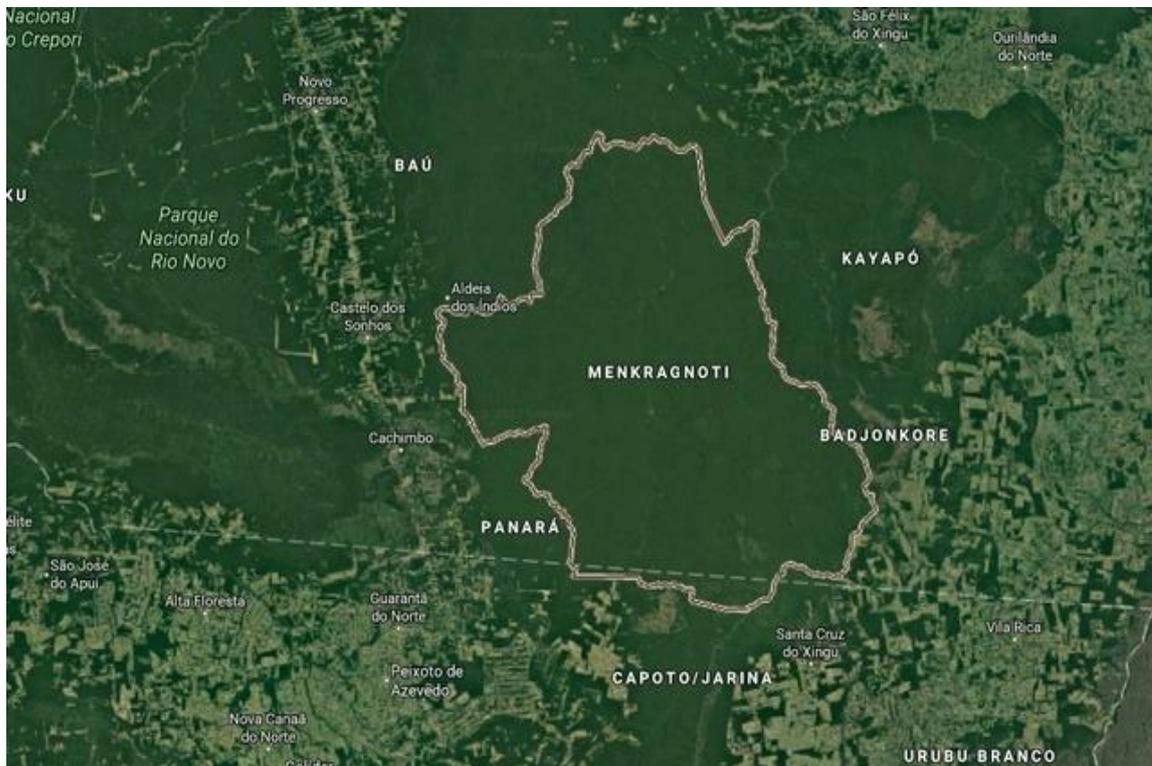
Fonte: [HTTPS://pib.socioambiental.org/pt/povo/mebengokre-kayapo](https://pib.socioambiental.org/pt/povo/mebengokre-kayapo)

¹De acordo com art. 231 da Constituição Federal de 1988, disciplinado pelo Decreto n.º 1775/96, **Terras Indígenas Tradicionalmente Ocupadas:** São as terras indígenas de que trata o direito originário dos povos indígenas. Portanto nessas áreas não houve ocupação de outros povos, somente o povo que tradicionalmente vivem nestas terras.

Na terra indígena Kayapo estão as seguintes aldeias: Mõxkarakô, Las Casas, Kôkraxmôr, Pykararâkre, Kikretûm, Àukre, Kubekrâkenh, Gorotire, Kendjãm. Entretanto já aconteceu novas cisões das aldeias e formaram outras aldeias.

O território do povo Mebêngôkre, e uma ilha de floresta e cercada de pastagens, são constituídos por um conjunto de cinco Terras Indígenas contíguas (TI Baú, TI Kayapó, TI Mekragnoti, TI Badjônkôre, TI Capoto/Jarina), em continuidade territorial com o Parque Indígena do Xingu, assimilado a um foco regional maior de biodiversidade e agrobiodiversidade. Conforme Mapa das Terras Indígenas:

Figura 2- Mapa das terras Indígenas Mebêngôkre



Fonte: [HTTPS://pib.socioambiental.org/pt/povo/mebengokre-kayapo](https://pib.socioambiental.org/pt/povo/mebengokre-kayapo)

Dentro dessas terras do povo Mebêngôkre está situado os maiores rios que oferecem, uma grande quantidade de peixe e grandes concentrações de todo os tipos de animais. Esses rios trazem enormes quantidades de limo fértil, quando os cursos d água transbordam que são depositados sobre os terrenos temporariamente inundados. São nessas grandes porções de floresta que fazem seus plantios de arvores frutíferos e suas roças. De modo geral, portanto, a

vida ao longo dos rios importantes oferece ao mesmo tempo muitas possibilidades de caça e de pesca, além de um bom rendimento agrícola.

Além desse bloco, existem outras três Terras Indígenas habitadas pelos Mebêngôkre: TI Xikrin do Cateté, localizada ao norte da estrada Xinguara/ São Félix do Xingu; a TI Kararaô e a TI Trincheira-Bacajá, próximas à Transamazônica; e a TI Las Casas, perto da cidade de Redenção, Pará. (Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 2, p. 339-369, maio - ago. 2012).

Os Xikrin habitam duas regiões descontínuas no Pará, no Município de Ourilândia do Norte, a Terra Indígena do Cateté, situada em torno ao rio de homônimo, afluente do Itacaiunas, que por sua vez tem sua foz e no Araguaia, à altura de Marabá, e a Terra Indígena do Bacajá, também situada em torno do rio de homônimo, afluente do Xingu um pouco abaixo de Altamira. (Reis Silva 2001).

1.2 - A LÍNGUA MEBÊNGÔKRE

De acordo com Rodrigues (1986), A língua Mebêngôkre pertence à família Jê do Tronco Macro Jê.

A língua Mebêngôkre é falada pela Aldeia Kôkraxmôr e outras aldeias, com uma variação dialetal devido às cisões que aconteceram na formação dos grupos, e utilizada como primeira língua e materna, em diferentes contextos, como um princípio de manutenção da cultura e tradições.

“Para o povo Mebêngôkre a oratória é uma prática social valorizada, se definem como aqueles que falam bem, bonito (Kabẽ mex), em oposição a todos os grupos que não falam a sua língua”. (<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/mebengokre-kayapo/178>).

E a língua de interação nas aldeias, transmitindo a história do povo, como os antepassados se deslocavam em seu território, os mitos, crenças, músicas, danças e pinturas.

A maioria das mulheres é monolíngue, a minoria entende a língua portuguesa, pois foram alfabetizadas por missionários da MICEB em língua Mebêngôkre, mais aprenderam também a língua portuguesa, mais não falam, a explicação das mulheres é que elas não falam bem, portanto evitam e difícil. Mais alguns homens relatam que as mulheres são proibidas de falar a língua portuguesa, pois elas é que ensinam as crianças, e até os 10 anos são monolíngües, partir dessa idade começam a entender o básico da língua portuguesa, mais também não falam.

As adolescentes do sexo feminino são a maioria monolíngue, somente uma parcela muito pequena entende poucas palavras da língua portuguesa, apenas para interação em diferentes contextos em diálogo com os professores e enfermeiros.

Os homens e os adolescentes do sexo masculino são os que mais entendem e falam a língua portuguesa, devido o contato com bastante freqüência a cidade e a escola na aldeia. Em reuniões com os órgãos de saúde, educação, e associações indígenas, e outras entidades, os homens falam em Mebêngôkre e depois traduzem para a língua portuguesa.

Atualmente a comunidade tem freqüentado a escola Capitão Bep Nox, com objetivo de aprender os conhecimentos gerais e assim fortalecer sua cultura e tradições, a alfabetização na referida escola e na língua kayapo, nos Jardim I e Jardim II, e no Fundamental I que corresponde os anos iniciais 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano, o ensino bilíngüe, a língua materna e as disciplinas das grades curriculares do Município

Nos anos finais, o Fundamental II que correspondem ao 6º ano, 7º ano, 8º ano e 9º ano os alunos aprendem somente as disciplinas das grades curricular do município com multidisciplinaridade dos conhecimentos indígenas, para fortalecer e motivar o processo ensino aprendizagem dos seus antepassados.

1.3 – O TRONCO MACRO JÊ

O Tronco Macro Jê ainda e uma hipótese, sendo objetivo de estudo de vários pesquisadores na linha de pesquisa histórico comparativos como: Martius (1863; 1867), Von den Steinen (1886), Ehrenreich (1891), Brinton (1891), Rivet (1924), Schmidt (1926), Loukokta (1931; 1932; 1935; 1937; 1939; 1942; 1968), Guérios (1939), Mason (1950), Swadesh (1959), Davis (1966, 1968), Hamp (1969), Kaufman (1990, 1994), Rodrigues (1970; 1986; 1999). Foram várias publicações de perspectivas históricas que contribuíram para reunir e agrupar a família Jê.

Rodrigues, partindo desses estudos já produzidos anteriormente sobre a proposta de um tronco Macro-Jê, reuniu sua concepção sobre o tronco em três obras, o primeiro em 1970, no livro Índios do Brasil, de Júlio César Mellatti, e, em 1972, na Grande Enciclopédia Delta-Larousse, além da publicação de algumas indicações sobre regularidades nas correspondências fonológicas, em 1986, no livro Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas.” (fragmentum, n. 46, Jul./Dez. 2015.)

Durante seus estudos para estas publicações Rodrigues, buscaram reunir fatores que ocorresse em todas as línguas da família Jê, para assim agrupar as famílias do tronco Macro Jê, os estudos históricos comparativo por Rodrigues, reuniram-se 39 comparações lexicais das famílias Jê, Panará, Timbira, Ofayé, Kaingáng e Karajá, que demonstram a probabilidade das famílias estudadas serem geneticamente aparentadas através de uma propriedades morfológicas, identificadas em todas as línguas investigadas.

Esta propriedade morfológica analisada e um morfema que teria como função, indicar a relação de dependência sintática entre determinante e determinado, designado como marcador de contigüidade (CNT) e a marca da ausência de um determinante sintático em um núcleo sintagmático, marcador de não contigüidade (NCNT).

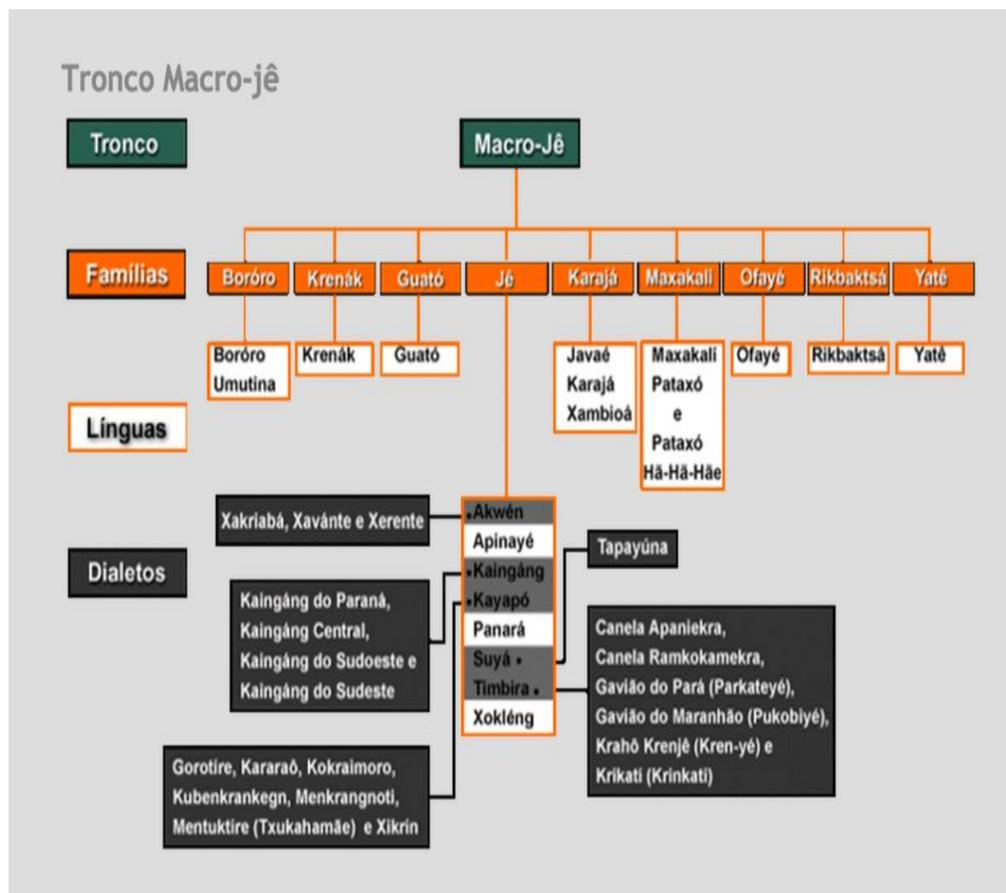
Esses morfemas em outros trabalhos de Rodrigues são conhecidos como prefixos relacionais, que são componentes de um sistema que marca a contigüidade ou não-contigüidade entre um termo dependente e o termo do qual este depende. Em 39 exemplos lexicais das famílias jês foi possível observar a ocorrência do prefixo relacional.

Nas línguas em que há só dois prefixos, um destes, a que chamo aqui de *prefixo 1*, indica que o determinante está expresso nominalmente no sintagma de dependência e, assim, está adjacente ou contíguo, isto é, precede imediatamente ao determinado, que é o núcleo desse sintagma.

[...] o *prefixo 2* indica [...] que o determinante foi removido do sintagma de dependência e, por isso, não precede imediatamente o respectivo núcleo, que é o determinado, e, assim, não lhe está estruturalmente contíguo, ainda que na superfície possa aparecer justaposto (RODRIGUES, 2001, p. 219).

Esses prefixos pronominais nas línguas Jê funcionam como um mecanismo de marcação do núcleo do sintagma nominal, verbal ou posposicional por contigüidade ou por não contigüidade do determinante. Abaixo esta o quadro do Tronco Macro e suas famílias:

Quadro 2- Tronco Macro Jê, Ramo I²



Fonte: [HTTPS://pib.socioambiental.org/pt/povo/mebengokre-kayapo](https://pib.socioambiental.org/pt/povo/mebengokre-kayapo)

Baseados em estudos anteriores, Rodrigues (1999)³, propõe um tronco lingüístico Macro Jê constituído por doze famílias lingüísticas: Jê, Kamakã, Maxakali, Krenák, Purí, Karirí, Yatê, Karajá, Ofayé, Bororó, Guato e Rikbáktsa, dividido em doze ramos.

De acordo com Rodrigues (1999) as famílias jê, pertence ao ramo I e está dividida em quatro subgrupos conforme o quadro abaixo:

²No quadro do tronco Macro Jê, está faltando duas famílias Kamakã, Kariri, Purí.

³As informações sobre Rodrigues (1999), e o Tronco Macro Jê foi extraída de um artigo Revista Fragmentum, n.46jul/dez.2015.

Quadro 3- Subgrupo da família Jê

Subgrupo Jê	Região	Língua	População	Situação
1º subgrupo	Sudeste do Piauí	Jaikó	-----	Extinta
2º subgrupo	Maranhão,Pará, Tocantins	Timbira (Canela, Ramkokamekrá, Canela Apanyekrá, Gavião Pykobjê, Gavião Parakatejê, Krinkatí, Krahô, Krênje).	2.800	Viva
	Norte do Tocantins	Apinajé	720	Viva
	Oeste do Mato grosso e sudeste do Pará	Mebêngôkre ⁴	5.000	Viva
	No norte do Mato Grosso e no sudoeste do Pará	Panará	160	Viva
	Parque do Xingu,Mato Grosso	Suyá Tapayuna	213 58	Viva
3º subgrupo	Minas Gerais, Goiás e sul do Maranhão	Xakriabá Akroá	-----	Extinta
	Sudeste do Mato Grosso	Xavante	9.000	Viva
	Tocantins	Xerênte	1.550	Viva
4º subgrupo	São Paulo, Paraná e Santa Catarina	Kaingáng	20.000	Viva
	Santa Catarina	Xoklêng	1.650	Viva
		Ingaín	-----	Extinta

Fonte: Revista Fragmentum, n.46,jul/Dez. 2015, com adaptação das informações no quadro.

Conforme Miranda (2010), embora essas línguas sejam mutuamente inteligíveis, os seus respectivos falantes as consideram como línguas distintas.

⁴O povo Mebêngôkre conforme o CENSO DA SESAI (2017) está em torno de 10.000 pessoas.

Foram vários estudos e pesquisas, desde a primeira proposta de agrupamento das famílias jê, e essas classificações, que contribuíram para o andamento da hipótese do tronco lingüístico Macro Jê. Porém não, sendo suficientes para o estabelecimento de uma hipótese única sobre a constituição do tronco Macro-Jê, uma vez que há informações que convergem e outras que divergem a respeito desse agrupamento genético, sendo a de Rodrigues a que possui maior consistência e confiabilidade, para o agrupamento das famílias jê, no tronco macro jê.

1.4 - A FAMÍLIA JÊ

A família Jê possui 19 línguas, reunidas em áreas entre o cerrado no Brasil central e a floresta amazônica, sendo ainda faladas 16 línguas na atualidade e três extintas a Jaikó, Xakriabá e Akroá. As línguas indígenas Jê foram classificadas pelas semelhanças no vocabulário e até mesmo na gramática, e uma diversidade étnica e cultural, onde cada povo tem suas características lingüísticas, a gramática e o vocabulário na língua. Cada povo tem sua visão de mundo humano, natural espiritual e suas próprias características socioculturais e sociopolíticas. No quadro abaixo apresenta a etnia e a língua, e o número de falantes de acordo com Rodrigues (1999):

Quadro 4- Língua da família Jê:

Etnias	Línguas	Falantes
Jaiko	Jaiko	Extinta
Timbirá	Ramkokamekra, Apãnjekra, Krahô, Pykobje, Parkatejê	2.800
Apinajé	Apinajé	720
Mebêngôkre	Mebêngôkre	5.000
Panará	Panará	160
Suya	Suya	58
Tapayuna	Tapayuna	213
Xakriabá	Xakriabá	Extinta
Akroá	Akroá	Extinta
Xavante	Xavante	9.000
Xerénte	Xerénte	1.550
Kaingáng	Kaingáng	20.000
Xoklém	Xoklém	1.650
Ingaín	Ingaín	-----

Fonte: Revista Fragmentum, n.46,jul/Dez. 2015, com adaptação das informações no quadro.

De acordo com Rodrigues (1999) as etnias com mais falantes da família Jê e a etnia Kaingang com 20.000 mil falantes de Kaingang, a etnia Xavante com 9.000mil falantes de Xavante, e a etnia Mebêngôkre com 5.000 mil falantes Mebêngôkre.

A etnia Timbirá tem 2.800 falantes das línguas Ramkokamekra, Apãjekra, Krahô, Krikati, Pykobje, Parkatejê. A etnia Xerênte com 1.550 falantes de Xerênte, a etnia Xoklêng com 1.650 falantes de Xoklêng.

As etnias com menos falantes da Família Jê são Tapayúna, Apinajé, Panará, Suya, a etnia Apinajé com 720 falantes da língua Apinajé, a etnia Tapayúna com 213 falantes da língua Tapayúna, a etnia Panará com 160 falantes de Panará e os Suya com 58 falantes da língua Suya.

As línguas indígenas têm seus termos plenos, como qualquer outra língua do mundo é ricas, em vocabulários, gramática, sons, princípios e regras. E mudam no tempo incorporando outras palavras emprestadas, modificando suas estruturas. As línguas indígenas

Atualmente no Brasil vem ser praticando uma política de preservação das línguas indígenas, combatendo o preconceito e incentivando as pesquisas e os estudos, criando departamentos especializados e Diretrizes para a implantação do ensino bilíngue e da interculturalidade nas escolas indígenas com objetivo de fortalecer as línguas, as culturas e as tradições.

1.5 LÓCUS DA PESQUISA

A aldeia Kôkraxmôr está localizada no município de São Felix do Xingu, no estado do Pará, na margem esquerda do Rio Xingue foi criada a partir da divisão Kubêkrâkenh no ano de 1950. (Verswijver 2002), sua área foi demarcada em 1985 e está dentro da Terra Indígena Kayapo, a sua população e de 500 Mebêngôkre.

Há 38 habitações que vivem com 210 famílias, essas habitações foram construídas pela madeireira Maginco, em troca da exploração de madeira como: mogno, cedro e outras.

As habitações estão em forma de um retângulo, com uma grande casa no centro onde os homens se reúnem para resolver diversos assuntos da comunidade.

Lea (2012) afirma que uma habitação pode abrigar somente uma família nuclear, mas idealmente, ocupada por uma família extensa uxorilocal.

Figura 3- Foto da Aldeia Kôkraxmôr



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes ,Aldeia Kôkraxmôr –2018.

O povo Mebêngôkre⁵ mora nestas terras, desde antes do contato com não indígena, e andavam por toda a floresta, e fixavam suas permanências próximas área com muitos coqueiros. Somente em 1957 o sertanista Francisco Meirelles “pacificou” os Mebêngôkre da Aldeia Kôkraxmôr e eles fixaram habitação fixa para morar na beira do rio. (Freire, 2011, p.261).

Neste local onde foi fundada a aldeia, colocou-se o nome Kôkraxmôr, em homenagem ao cacique Kôkraxmôr, neste local permaneceram por um longo período, até começou uma epidemia de sarampo, que matavam de dois a três Mebêngôkre por dia, e além da doença houve um conflito entre eles, e começaram a mudar, uns foram para Kikretũm e outros para Gorotire. O cacique Braire ficou em Kôkraxmôr com seus seguidores, e foram descendo o Rio Xingu até uma área chamada Pidjôre e ficaram morando, formaram as roças e construíram as casas de palhas com barro.

Logo anos depois, a madeira se instalou na área indígena e começou a explorar a madeira e em troca nos 1991 construiu as casas de alvenaria em forma de um retângulo.

Nos anos de 1999 a Aldeia Kôkraxmôr sofreu uma nova divisão o cacique Kadjãtnhõrõ e seus seguidores subiram a margem do rio Xingu e fundou-se a aldeia Pykararãkre.

⁵O histórico da Aldeia Kôkraxmôr foi extraída do Atlas dos territórios Mebêngôkre, Panará e Tapayúna.

A Aldeia Kôkraxmôr permaneceu no mesmo local na margem esquerda do Rio Xingu, no Município de São Felix do Xingu, tendo em seus limites as aldeias Pykararâkre, Apêxti, Môxkarakô.

A comunidade se sustenta da agricultura de subsistência, e são as mulheres que preparam as roças e fazem a colheita dos alimentos para alimentação das famílias e os homens caçam e pescam.

1.6- PESQUISA LINGÜÍSTICA SOBRE A LÍNGUA MEBÊNGÔKRE

Há dezesseis trabalhos lingüísticos para língua Mebêngôkre, por diferentes pesquisadores, com o objetivo de entender a língua e descrever o seu desenvolvimento histórico, explicando os fatos em que nela acontece, a descrição das palavras na língua, foi feita por NIMUENDAJÚ (1932), HUGO MENSE (1934), TREVISAN & PEZZOTTI (1991), ANTONIO MARIA SALA (1920), TREVISAN & PEZZOTTI (1991), e a definição dos sons THOMSON & STOUT (1974), que além da construção do alfabeto fonético, produziu mais dois outros estudo um em análise das estrutura das orações, que contribui para identificação dos predicados, e o outro em modalidades, distinguindo os tipos de modalidade da língua.

BORGES (1995), contribuindo com a descrição dos aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal, em que mostrou evidenciam da existência de prefixos relacionais na língua. REIS SILVA E SALANOVA (2000), discutiu a codificação dos argumentos da língua, e considera que a mesma está condicionada a finitude ou à não finitude do núcleo predicado verbal.

SALANOVA (2001) discute os aspectos dos sistemas fonológicos, e Reis Silva (2001), apresenta o fenômeno da ergatividade, afirmando que a ergatividade está relacionado a forma infinita do verbo.

COSTA (2002), publicou três artigos que tratam dos aspectos morfossintáticos do dialeto Xikrin do Cateté, “prefixos relacionais no Xikrin”, especificando a função do prefixos, indicando AA relação de dependência e de contigüidade sintática com seus determinantes.

CABRAL, RODRIGUES E COSTA (2002) discute as motivações para a cisão no sistema de alinhamento dos marcadores pessoais do Xikrin em sentenças transitivas e intransitivas, e demonstram que a cisão está relacionada ao predicado que e modificado por

um advérbio ou locução adverbial. CABRAL & COSTA (2002) ampliam a análise dos prefixos relacionais e discutem o paralelismo entre Xikrin e a línguas tupi-guarani.

QUADRO 5- PESQUISAS LINGUÍSTICA EM MEBÊNGÔKRE

Autores	Trabalhos linguísticos	Ano de publicação
Paul Ehenreich	Die sprache dr Cayapo “Goyas”	1894
Antonio Maria Sala	“Ensaio de Gramatica Kaiapo”	1920
Nimuendajú	Lista de palavras	1932
Hugo Mense	Vocabulário kayapo	1934
Schmidt	Los Kayapo de Matto Grosso	1947
Thomson & Stout	‘Elementos Proposicionais em Kayapó’ “Modalidade em Kayapo” “Fonêmica Txukararahamêi”	1974
Jefferson	“Gramatica Pedagógica Kayapo”	1980
Trevisan & Pezzotti	“Dicionário kayapo-portugues-português kayapo	1991
Borges	“Aspecto da Morfossintaxe do Sintgama Nominal”	1995
Borges	Artigo: Aspecto da Morfossintaxe do Sintgama Nominal”	1996
Reis Silva e Salanova	“Codificação dos argumentos em Mebêngôkre”	2000
Salanova	“A nasalidade em Mebêngôkre e Apinajé: o limite do vozeamento soante”	2001
Reis Silva	“Pronomes, ordem e ergatividade em Mebêngôkre”	2001
COSTA	“Prefixos relacionais no Xikrin”	2002
CABRAL, RODRIGUES E COSTA	“Cisão no sistema de alinhamento dos marcadores pessoais do Xikrin em sentenças transitivas e intransitivas”	2002
CABRAL & COSTA	“Prefixos relacionais dos Xikrin”	2002

A pesquisa desenvolvida com conhecimentos produzidos por consultores da comunidade tem favorecido os docentes indígenas que tem assimilado esse conhecimento e repassados as crianças e jovens de forma interativa,

Portando os estudos linguísticos da língua Mebêngôkre, nos permitir identificar sobre os seus funcionamentos da fonética, da fonologia, da morfologia e sintaxe.

1.7- TRABALHO DE CAMPO

No ano 2000 iniciei a formação em Magistério, concluindo em 2003, posteriormente em 2010 iniciei a Graduação em Licenciatura plena em Pedagogia, concluindo em 2013.

Em 2009 iniciei a lecionar na Escola Capitão Bep Nox, como contratada pelo município de São Felix do Xingu. Ensinar para o povo Mebêngôkre era um motivo de alegria e significativo na minha vida, pela relação que a minha família sempre teve com este povo, em especial ao meu pai que foi piloto de barcos que atendia as comunidades por vinte anos.

Meu interesse era repassar o conhecimento do não indígena à comunidade e permitir o acesso a eles ao mundo da leitura e da escrita.

Assim surge a minha prática pedagógica, ensinando e sendo ensinada, aprendendo e reaprendendo, procurando ser criativa, procurando alcançar uma educação específica e diferenciada, fortalecendo a cultura e as tradições do povo Mebêngôkre. Procurando atender os objetivos de uma escola diferenciada, que muitas vezes os objetivos não são alcançados na sua totalidade. Tinha momento que o conhecimento parecia chegar ao fim, surgindo a preocupação do que fazer, onde buscar informação e como transformar algo para eles e ser interessante, que correspondesse ao que o discente procurava e desejava.

Sempre refletindo antes de entrar em sala de aula, que não era tarefa fácil. Elaborar os planos de aula, escolher as disciplinas e os temas, para o desenvolvimento e a formação intelectual, pessoal e social dos discentes.

A rotina com os planos de aula foram de suma importância, por que mostrava como era conduzida e desenvolvida as temáticas.

Os temas como cerimônias, roças, historias, mitologias, artesanatos, remédios e a língua, não são fácil de ser trabalhar na sala de aula com os discentes, pois não são todos que podem adquirir certos conhecimentos.

Transformar esses temas como tema importante é uma dificuldade por falta de acervo de livros didáticos, e falta de interesse do discente, pois almejava somente o conhecimento universal como forma de lidar com o mundo do não índio. Desvalorizando o conhecimento de sua comunidade.

Lidar com a formação dos discentes indígenas é um desafio para nós docentes, porque precisar saber lidar com essas situações e mostrar ao discente a importância dos temas indígenas e o conhecimento universal.

No ano de 2016, na condição de Mestranda do curso de Linguística e Línguas Indígenas do PROFFLIND, iniciei a minha pesquisa junto à comunidade de Kôkraxmôr. Essa coleta de dados foi realizada durante os anos de 2016 e 2017.

Em fevereiro de 2016, no início do ano letivo, retornei à aldeia para exercer a minha função de docente. Nessa época, solicitei uma reunião com a comunidade de Kôkraxmôr para falar sobre o primeiro semestre do meu curso de mestrado e explicar o passo a passo do curso e a pesquisa que eu almejava desenvolver junto à comunidade.

Terminado o relato sobre o curso e sobre a minha pesquisa, o docente que trabalha comigo explicou na língua Mebêngôkre, sobre o que se tratava a reunião. Ao perguntar se eu poderia desenvolver a pesquisa junto aos falantes, a resposta afirmativa foi unânime.

Com a autorização da comunidade, eu comecei a observar e registrar informalmente os diálogos entre adultos com idades entre 25 e 80 anos de idade de ambos os sexos.

Durante esses oito anos de docente nesta comunidade, me dediquei à aprendizagem da língua e a entender os seus processos linguísticos. Sucessivamente, com o auxílio da minha orientadora e consultores da língua Mebêngôkre, fomos formulando questionários específicos para a coleta dos dados de interesse da pesquisa.

Contei com a ajuda de quatro consultores Mebêngôkre para registrar os diálogos e narrativas, para identificar e descrever as classes lexicais e funcionais da língua.

Procuramos seguir as lições de MALINOWSKI (1975), de mergulhar na cultura do outro para captar o ponto de vista dos “nativos”, observando a rotina, as regras, os tons das conversas, prestando atenção “ao que se faz” e “ao que se diz sobre o que faz”, sempre atentos também ao clima presente em cada observação. Com propriedade, BECKER (1961) descreve um dos dilemas éticos do/a pesquisador/a: “O investigador conseqüentemente enfrenta um dilema ético. A ciência exige relatos francos e irrestritos, e as questões das quais os membros do grupo se queixam podem ser aspectos importantes do funcionamento do

grupo, cuja supressão enfraqueceria o relato e o privaria de importância científica. Por outro lado, o investigador certamente tem alguma obrigação de não causar danos àqueles que permitiram que ele os estudasse” (p. 133). Sem dúvida essa questão perpassou todo o trabalho. Mas acreditamos que a presente pesquisa possa ajudar, de alguma forma, ao processo em desenvolvimento na escola.

1.8- A COLETA DE DADOS

Para a realização da pesquisa de campo, utilizou-se um termo de consentimento de livre, e espontânea vontade, os consultores se disponibilizaram contribuir conosco respondendo a entrevista, para que fosse analisado com eficácia.

A metodologia que sustentou esta investigação está baseada na pesquisa bibliográfica e na pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica organizou-se a partir: i) da revisão dos estudos já feitos sobre a língua Mebêngôkre os quais citamos os linguistas: SALANOVA (2001), COSTA (2015), THOMSON (1976), REIS SILVA (2001) e o antropológico: TURNER (1986), VERSWIJVER (1978) e outros.

Quanto à abordagem da pesquisa e qualitativa, com a observação participativa, produzindo uma etnografia com o cruzamento da informação recolhida a partir da observação, das entrevistas e documentos.

A pesquisa de natureza qualitativa se caracteriza como pesquisa-ação, pois esta abordagem metodológica permitir o alcance dos objetivos propostos. Para THIOLENT (1988), “a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

Segundo THIOLENT (1988) a coleta de dados deve ser realizada de maneira que proporcione uma interação entre o trabalho do linguista e do consulto. É também imprescindível que o linguista busque conhecer a história da comunidade pesquisada, a fim de que se estabeleça um vínculo de respeito e harmonia entre os participantes. MALINOWSKI (1976) destaca que “a etnografia impõe, deste modo, uma orientação de olhar investigativo para os símbolos, as interpretações, as crenças e valores que integram a vertente cultural.

Desta maneira, compreendemos que antes da coleta de dados é de suma importância a busca por informações pertinentes ao espaço sociocultural que os informantes partilham

tentar entender suas histórias, para que assim se estabeleça um vínculo humanístico e favorável ao desenvolvimento da pesquisa.

Os dados foram coletados em julho de 2016 a julho de 2017 na aldeia Kôkraxmôr. Todos os quatro consultores se disponibilizaram voluntariamente. Todos os consultores são indígenas, bilíngue e escolarizados com o ensino fundamental e médio completo e cursando o ensino superior.

Reservamos dois meses de trabalho de campo para elaboração de um questionário na língua Mebêngôkre com os consultores Betire Kayapo e Bebïn na preparação do material que seria utilizado neste estudo. Levantamos um grande número de sentença que testariam e trabalhamos nas transcrições e traduções. Em seguida, fizemos uma triagem das sentenças que melhor se encaixariam ao trabalho proposto e selecionamos as sentenças. Depois de selecionadas as sentenças, montamos um formulário e a análise das sentenças do questionário realizou-se a partir de critérios sintáticos, morfológicos e semânticos, estes atribuem as palavras a diferentes classes tendo em vista o tipo de morfologia derivacional ou flexional que se agregam em todas as classes e a função destas.

Foram feitas sessões com cada informante, um por um, separadamente. Após ouvir cada sentença, duas vezes, no mínimo, o consultor respondia a questão que acompanhava cada sentença. No final de cada sessão as sentenças eram repassadas para que pudéssemos fazer uma revisão geral, e verificar se cada sentença poderia ter mais de uma opção adequada de resposta.

Também utilizei da observação participante nos diálogos da comunidade, pois com a observação participante o investigador está presente no tipo de informação que recolhe e nas conclusões da investigação, não há modo de realizar a observação dos contextos de ação que não seja num certo sentido sempre participante. Fiz também uso de entrevistas com os colaboradores, as entrevistas são um componente integrante do estudo, pois são uma oportunidade para os entrevistados se explicarem, falando de si, encontrando as razões por que se age e vive. Entendendo-se que os dados da informação recolhida a partir da observação, das entrevistas e dos documentos permitem realizar um maior análise para descrição da pesquisa.

Com a observação participante o investigador está presente no tipo de informação que recolhe e nas conclusões da investigação, não há modo de realizar a observação dos

contextos de ação que não seja num certo sentido sempre participante. (MALINOWSKI 1976).

Como afirma ANDRÉ (1986), o/a pesquisador/a não deve limitar-se à descrição de situações, mas “deve ir muito além e tentar reconstruir as ações e interações dos atores sociais segundo seus pontos de vista, suas categorias de pensamento, sua lógica. Na busca das significações do outro, o investigador deve, pois, ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas do entender, conceber e recriar o mundo. A observação participante e as entrevistas profundas são, assim, os meios mais eficazes para que o pesquisador aproxime-se dos sistemas de representação, classificação e organização do universo estudado” (p. 45).

CAPÍTULO II - DESCRIÇÃO DAS CLASSES LEXICAIS EM MEBÊNGÔKRE

Neste capítulo será feita uma descrição das classes/categorias lexicais e das classes/categorias funcionais da língua Mebêngôkre, tendo como base os critérios discutidos por Readford (1998) e alguns dos exercícios de identificação de categorias realizados nas aulas da disciplina “Introdução à Morfologia” do Curso PROFFLIND, ministradas pela orientadora da presente dissertação. Para a realização desta descrição foram consultados ainda os seguintes trabalhos: OLIVEIRAS (2008), SALANOVA (2001), COSTA (2015), REIS SILVA (2001), BORGES (1995), MICKEY & THOMSON (1976).

Os dados aqui apresentados foram coletados pela autora desta dissertação junto aos falantes nativos da língua Mebêngôkre, durante o ano de 2017.

Uma questão a ser aqui investigada se refere à universalidade das categorias lexicais. Será que todas as línguas possuem todas as categorias lexicais nucleares (nome, verbo, adjetivo e adposição), assim como sugerido por Chung (2014), ou será que algumas línguas só exibem as duas classes lexicais opositivas - nome e verbo?

Para a definição das categorias lexicais e funcionais, seguimos Maia (2006). De acordo com o autor (2006:67): “categorias lexicais são aquelas cujos itens possuem um conteúdo descritivo no mundo externo, “bio-social”, um significado lexical; valem em si mesmas, por isso têm sido chamadas de palavras lexicais, palavras plenas, palavras de conteúdo. E categorias funcionais e aquelas cujos itens têm essencialmente uma função

gramatical, um valor interno à gramática; valem por sua função em relação a outras, por isso têm também sido chamadas de palavras funcionais, palavras vazias, palavras instrumentais”.

2.1 AS CATEGORIAS LEXICAIS

Neste trabalho conceituaremos a partir de Oliveiras (2008 apud Readford 1998) os critérios para a identificação das categorias lexicais das palavras em Mebêngôkre. A autora tece os seguintes comentários sobre os critérios usados para identificar as categorias das palavras nas línguas naturais:

(i) **O Critério Morfológico:** as categorias das palavras são identificadas pelos processos de derivação e flexão. Os afixos derivacionais são específicos de categorias determinadas. Em Português, por exemplo, o prefixo **re-** só ocorre com verbos, modificando assim, o seu significado. Já o sufixo agentivo **-(d)or**, que também só ocorre com verbos nessa língua, tem a propriedade de modificar a categoria da palavra⁶. Em ambos os casos tem-se exemplos de afixos derivacionais cujas funções são modificar o significado da palavra e alterar a sua categoria:

1. Fazer
2. **Re** + fazer = fazer de novo.
3. Fal – a – r (verbo)
4. Fal – a – **dor** (nome)

Na flexão, verifica-se a expressão das categorias gramaticais. Cada classe possui seus próprios tipos de flexão. Os nomes, por exemplo, podem ser flexionados para número, gênero, caso, grau, etc. Os adjetivos podem ser flexionados para número, caso, comparativo e superlativo. Já os verbos podem ser flexionados em termos de concordância, tempo, modo, aspecto e voz dentre outros.

(ii) **O Critério Sintático:** Segundo o critério sintático, as palavras são identificadas pela sua distribuição e sua função na sentença. Em Português, por exemplo, palavras que seguem um determinante, como artigos e demonstrativos, são nomes. “*Olhar*” é um

⁶Informações e exemplos apresentados nesta seção foram obtidos dos *handouts* da Disciplina “Introdução à Morfologia” do Curso de Lingüística e Línguas Indígenas da PROFFLIND.

verbo se precedido por um verbo auxiliar, (5), porém, é um nome se precedido por um determinante (6):

5- Eu **vou olhar** as vitrines. (Verbo)

6- **O olhar** do cachorro é muito triste. (Nome)

(iii) **O critério Semântico:** Pelo critério semântico, o nome denota seres e objetos, o adjetivo denota características e qualidade e o verbo, ações, eventos e estados. As adposições expressam relações de lugar, tempo, alvo, etc. entre uma entidade e outras.

O problema com esse critério é que nem sempre pode identificar a categoria de uma palavra. “Lavagem” e “assassinato” denotam ações, mas são palavras que pertencem à categoria dos nomes. Dessa maneira, o critério semântico deve ser utilizado em conjunção com os outros critérios.

Na próxima seção abordaremos a questão das classes de palavras e a distribuição e função destas na língua Mebêngôkre.

O estudo das categorias lexicais em Mebêngôkre se baseia nos critérios sintáticos e morfológicos basicamente. Estes atribuem as palavras a diferentes classes tendo em vista o tipo de morfologia- derivacional ou flexional - e a sua distribuição e função dentro da sentença.

Proponho aqui a existência das quatro classes/categorias de palavras em Mebêngôkre organizadas em nomes, verbo, adjetivo, posposição, além dos advérbios. Passamos à descrição dessas classes.

2.2- AS CATEGORIAS LEXICAIS EM MEBÊNGÔKRE

2.2.1- OS NOMES

Os nomes são núcleos de sintagmas nominais (SNs) que podem exercer as funções de sujeito, de objeto, ou de adjunto, além de predicado nominal.

Os nomes podem ter as seguintes características morfológicas:

- i. **A categoria de posse:** nomes podem ser possuíveis e não possuíveis. Os nomes possuíveis podem ser divididos em alienáveis e inalienáveis.

Os alienáveis referem-se às coisas que podem ser transferidas como: utensílios, casa, meios de transporte, e são usados com pronomes pessoais presos, seguidos pelo marcador de posse *nhõ*. Os prefixos que indicam o possuidor estão ilustrados no quadro abaixo⁷:

Quadro 6 - Pronomes Possessivos⁸

Singular	Plural
Morfema preso	Morfema preso
1ª pessoa - <i>i-</i>	1ª pessoa - <i>me i-</i>
2ª pessoa - <i>a-</i>	2ª pessoa - <i>me a-</i>
1ª e 2ª pessoa - <i>gu ba</i>	1ª e 2ª pessoa - <i>me ba</i>
3ª pessoa - oculta <i>õ</i>	3ª pessoa - \emptyset
3ª pessoa - concreta <i>nhõ</i>	

7- I- nhõ kikre.
 1ª sg. pos. Casa
 ‘Minha casa’

8- A- nhõ ngônh.
 2ª sg. poss. panela
 ‘Tua panela’

9- Gu banhõ pur.
 1ª e 2ª sg. dual poss. roça
 ‘Sua e minha roça’

10- Õ - tyrti.
 Poss. ocul. (dela) banana
 ‘Dela banana’

⁷Os pronomes do quadro 5 também são usados para expressar o sujeito intransitivo e o objeto direto.

⁸Pelo menos as 1ª e 2ª pessoas do singular possuem natureza afixal.

11- Gwaj ba nhõ màtkà
 Nós poss. avião
 ‘Nosso avião’

Os nomes inalienáveis referem-se a coisas pessoais, que não podem ser transferidas a outras pessoas, como: partes do corpo, termo de parentesco, lar, adereços⁹ e estado¹⁰. Os inalienáveis são sempre usados com a 1ª e 2ª pessoa singular dos pronomes presos. Neste caso, o marcador de posse não se faz necessário.

12- I- pa
 1ª sg. braço
 ‘meu braço’

13- A- kra
 2ª sg. filho
 ‘Teu filho’

14- I- nã
 1ª sg. mãe
 ‘minha mãe’

15- a- bãm
 2ª sg. pai
 ‘meu pai’

16- I- nhũrkwã
 1ª sg. lar
 ‘meu lar’

⁹Os nekrex que são adereços específicos de cada família.

¹⁰ Ao se referir ao estado da pessoa, como doença (*ikâne* ou *akâne*), tristeza (*ikaprire* ou *akaprire*), raiva (*ingryk* ou *angryk*), alegria (*ikĩnh* ou *akĩnh*) e outros, são utilizados os pronomes pessoais.

No plural, as formas possessivas de 1ª e 2ª pessoa e dual (1ª e 2ª) são usadas com um morfema de plural *me*¹¹, que ocorrerá antes do prefixo pronominal:

17- Me¹² kurerer

1ª pl. . Moças

‘Moças’

18- Me pa

1ª pl. braço

‘Braço humano’

19- Me uwĩ

1ª pl. Órfãs

‘Pessoas órfãs’

20- Me bêngôkre

1ª pl. Índios

‘Indígenas’

21- Me i- bêngôkre

1ª pl. Índios

‘Nós (todos) índios’

22- Me a- bêngôkre

2ª pl. Índios

‘Vocês (todos) índios’

23- Me ba- nhikra

1ª e 2ª pl. mão

‘nossas mãos’

¹²Me - e utilizado no plural para indicar muitos e como coletivizado das classes sociais do povo Mebêngôkre.

24- Me ba Ku¹³- krê.

1ª pl. 3ª obj. comer

‘Nós (todos) comemos’

O pluralizador *me* sempre ocorrerá, contudo, após os pronomes livres, nunca antes dele:

25- Gu me omũ.

1ª e 2ª pl. ver

‘você e eu (todos) vimos’

26- Ga me nhỹ

2ª pl. sentar

‘Vocês (todos) sentaram’

- ii. **A Categoria de Grau:** Os nomes ocorrem com os morfemas livres, *ngrire / rax*, marcando o diminutivo e o aumentativo, respectivamente. Nos animais para expressar o aumentativo e utilizado o morfema *ti*¹⁴. Esses morfemas pertencem à categoria dos adjetivos da língua. Não há, portanto, flexão de grau:

27- Kikre ngrire

‘Casa pequena’

28-Kangã ngrire

‘Cobra pequena’

29- Kà ngrire

‘Canoa pequena’

¹³O morfema *ku-* é um afixo verbal que indica o objeto direto de 3ª pessoa dos verbos transitivos.

¹⁴O morfema – *ti* , significa aumentativo e é utilizado na nomeação dos alimentos e com os animais: *Kangãti* (cobra grande), *kukônhiti* (macaco grande), *Kaprãnti* (jabuti grande), *tepti* (peixe grande), *àkti* (ave grande).

30-Kikre rax
'Casa grande'

31- Kangã ti
'Cobra grande'

32 -Kà rax
'Canoa grande'

- iii. **A categoria de Número:** A pluralidade em Mebêngôkre é marcada pelo prefixo *me* em nomes cujos referentes são [+ humano], e pelos morfemas livres *krãptĩn* e *kumex* que significam “muitos”:

33–Kikre krãptĩn
Casa muitas
'Muitas casas'

34–Krikre kumex
'Casa- muitas'
'Muitas casas'

35 - Bà kurũm ne me -nire bõx.
Mato de n.fut plur. mulher chegar
'As mulheres chegaram do mato'

36- Ngõnh kurũm ne me my bõx.
Rio de n.fut plur. homem chegar
'Os homens chegaram do rio'

37- Pur kurũm ne me prire bõx
Roça de n.fut. plur. criança chegar
'As crianças chegaram da roça'

Na língua Mebêngôkre, esses dois morfemas *krãptĩn* e *kumex* se combinam com nomes, cujos referentes são contáveis, contribuindo com o significado de “muitos”. O morfema *me* marca o plural de humanos para diferentes categorias na sua sociedade.

Os referentes das palavras incontáveis, como “água, areia e farinha”, por exemplo, são vistos como um único todo e não se combinam com o marcador de plural.

Com os não contáveis que se referem a líquidos são usados os morfema *ipu* (*cheio*), *kaprÿ* (*vazio*) e *kangô* (*caldo ou líquido*). Para indicar a contagem de massa, emprega-se *rax* ou *kumex* (*muito*). Todos esses morfemas são adjetivos:

38- Ngõhkrã ne kam ngô ipu
Copo n.fut de água cheio
‘O copo está cheio de água’

39- Ngõhkrã ne kaprÿ
Copo n.fut vazio
‘O copo está vazio’

40- ngô ne arÿm ipu
Rio n.fut já cheio
‘O rio está cheio’

41. Ngô ne arÿm ngrà
Rio n.fut já cheio
‘O rio está seco’

42- Ngõhkrõkrõti kam ne djwÿngrà rax
lata em n.fut farinha muito
‘Na lata tem muito farinha’

- 43- Pykati rax
Areia muito
'Muita areia'

iii.a Os Quantificadores

Alguns quantificadores ocupam posição pós-nominal. Outros ocorrem antes dos nomes, como os indefinidos:

- 44- Menire kuni ne me ngrere
Mulher todas n.fut plur. cantando
'Todas as mulheres estão cantando'
45. Me' ã my ne tep yr tẽ
Plur. algum homem n.fut peixe com ir
'Alguns homens foram pescar'
- 46-Môpka bit dja jakam pur mã tẽ
N.prop. só fut. hoje roça para ir
'Só Môpka vai para roça hoje'
- 47-Krĩ jakam ne arým me ngrire
Aldeia hoje n.fut já plur. pouco
'Na aldeia hoje já tem pouca gente'

iii.b Os Numerais

O Mebêngôkre possui três palavras básicas para expressar noções de número. Os três numerais são: *pydji* 'um' *amajkrut* 'dois' *amajkrut ne ikjekêt* 'três.' Os demais numerais são combinações dessas três formas¹⁵.

¹⁵Sugerimos que o morfema *ne* que aparece entre os números é uma conjunção do tipo aditivo.

Quadro 7- Os números

Números	Tradução
Pydji	1(um)
Amajkrut	2(dois)
amajkrut ne ikjekêt	3(três)
amajkrut ne amajkrut	4(quatro)
amajkrut ne amajkrut ne ikjekêt	5(cinco)
amajkrut ne amajkrut ne amajkrut	6(seis)
amajkrut ne amajkrut ne amajkrut ne ikjekêt	7(sete)
amajkrut ne amajkrut ne amajkrut ne amajkrut	8(oito)
amajkrut ne amajkrut ne amajkrut ne amajkrut ikjekêt	9(nove)
amajkrut ne amajkrut ne amajkrut ne amajkrut ne amajkrut	10(dez)

Esses numerais também ocorrem após os nomes:

48- ba ne ba kubekà amajkrut kuby
 1^as.g. n.fut 1^as.g. vestido dois comprar
 ‘eu comprei dois vestidos’

49- I- bãm ne kô amajkrut ne ikjêket i- pêx
1^as.g. pai n.fut borduna dois e outro 1^as.g- fiz
 ‘meu pai fez três burduna’

50- Meprire ne tyrti amajkrut ne amajkrut ne kukrê
Menino n.fut banana dois e dois n.fut comer
 ‘o menino comeu quatro bananas’

iv. **A Categoria de Gênero:** Não há tampouco flexão de gênero em Mebêngôkre. Para “distinguir os gêneros dos animais são usados os morfemas independentes nire e my que significam “macho” e “fêmea”, respectivamente:

51- Me nire
Pessoa Fêmea
'Mulher'

52- Me my
Pessoa homem
'homem'

53- okreãnh my
Ave macho
'galo'

54- okreãnh nire
Ave fêmea
'galinha'

Porém, alguns animais o gênero é identificado de forma diferenciada. O mutum (*Krwýt*) é tem o gênero identificado pela cor: *Krwýt kamrêk* é macho, *Krwýt ngrãngrã* é fêmea. O *Kaprãn* (jabuti), tem o gênero identificado pelo formato do casco: *ũmti* é macho, e *ka'ãj* é fêmea. O porco do mato (*angrô*): *ũmre* é macho, e *Kãjãtire* é fêmea.

2.2.1.1. CONCLUSÕES SOBRE OS NOMES EM MEBÊNGÔKRE

Em Mebêngôkre, somente a categoria de pessoa indicando posse se caracteriza como flexão nominal. As outras categorias funcionais/gramaticais são expressas na língua por meio de morfemas livres. O gênero e o grau são codificados por adjetivos. Já o plurizador *me* parece ser um morfema gramatical independente, uma vez que pode se manifestar independentemente, como no exemplo a seguir em que *me* ocorre antes do pronome de sujeito e antes do verbo:

55- Me ba ne Ø- mã me a'y
Plur 1^a e 2^a pl. n.fut. 3- posp. plur corta
'Nós nos cortamos'

Trata-se de uma língua mais predominantemente do tipo isolante, o que justifica a ocorrência de pouca flexão nominal.

2.2.2. O VERBO

Os verbos ocorrem com as seguintes categorias funcionais e gramaticais:

- (i) **Tempo:** O tempo verbal está indicado pelos morfemas livres *ne* e *dja*, que expressam eventos *não-futuro* e *futuro*, respectivamente. O morfema livre *ne* indica que uma ação, estado ou evento está acontecendo ou aconteceu. E *dja* indica que o evento ainda vai acontecer. Nessas construções o verbo permanece na mesma forma, traduzida como infinitivo em português. Note-se que *dja* ocorre à esquerda dos pronomes de sujeito, (56) e (57), mas à esquerda do sintagma nominal (SNs) de sujeito, (60). O marcador de não-futuro *ne* ocorre sempre à esquerda do sujeito, sendo ele um pronome ou sintagma nominal (SN):

56- Dja ba wabi.
n.fut. 1^as.g. subir
'Eu vou subir'

57- Tep 'yr dja ba tẽ.
Peixe com fut. 1^as.g ir
'Eu vou pescar'

58- Dja ba ngra õnh bĩ.
fut. 1^as.g paca uma matar
'Eu vou matar uma paca.'

59- Amykry kam i- bãm dja box
Tarde de 1^as.g pai fut. Chegar
'De tarde meu pai vai chegar'

60- I- nã dja amrêê.

1^as.g. mãe fut. vir

‘Minha mãe vai vir’

61- arym i- kamy ne box.

Já 1^as.g irmão n.fut. chegar

‘Meu irmão já chegou’

62- ga ne ga a- pex.

2^as. g. n.fut 2^as.g. 2^asing. fazer

‘Você mesmo fez’

63- I- bãm ne tep owabi.

1^as.g. pai n.fut peixe Subir

‘Meu pai vai pescar peixe’

64- I- kanhĩkwýnh ne i- kra pumũ.

1^as.g.- irmã n.fut. meu -filho olhar

‘Minha irmã está olhando meu filho’

Esse fato parece indicar que sintaticamente esses morfemas ocupam posições distintas. Essa mesma observação se faz para os diferentes tipos de sujeitos. Os sujeitos pronominais se encontram à direita de *dja*, mas os SNs se posicionam à sua esquerda.

(ii) **O Aspecto:** O aspecto pode ser conferido por sintagmas adjuntos ou pelos marcadores que indicam eventos futuros e não futuros. Note-se que *ne* também indica aspecto.

ii.a- Aspecto habitual: o aspecto habitual é indicado por advérbios ou por sintagmas posicionais (SPs):

65- Akati kuni kôt ne ba rê

dia todo com n.fut 1^as.g. nadar

‘Eu nado todos os dias’

66- Tāwā ne parakam òkwỳkre
Ele n.fut. tardinha come
'Ele come à tardinha'.

ii.b. Aspecto progressivo: *Ne* indica o aspecto progressivo também:

67- Ba ne ba pi'òk no'òk o tẽ
1ª.s.g. n.fut 1ª.s.g.bilhete inst. escrever
'Eu estou escrevendo um bilhete'

68- Ngrenhre ne kubêja'ê kam òtõnõ
N.próp. n.fut rede na dormir
'Ngrenhre está dormindo na rede'

ii.c. Aspecto completivo: é dado por *ne* também ,pelo advérbio *já* e o verbo “ acabar”:

69- Kwỳr ja ne arỳm kêj
Mandioca está n.fut já ralada
'A mandioca já está ralada'

70- Ba ne ba arỳm i- nhõ kwỳkre
1ª.s.g. n.fut 1ª.s.g. acabou 1ª.p.s. pos. comer
'eu acabei de comer'

(iii) A Negação: A negação que se pode associar ao verbo é feita por morfema livre *kêt* (não), sempre ao final da oração:

71- I- tẽm kêt
1ª.s.g. ir não
'Eu não fui'

72- I- nõr kêt
1ª.S.g. Deitei não

‘eu não deitei’

73- Mòpka ne àptor kêt.
Nome n.fut. Cuspir não
‘Mòpka não cuspiu’

74- Ije kre kêt.
1ª s.g. Plantar não
‘Eu não plantei’

75- Aje i- kraprêprêk Kêt.
2ª p.s. 1ª s.g. bater não
‘Você não me bateu’

De acordo com Reis Silva (2001), o morfema de negação *kêt* pode aparecer com os nomes, não sendo exclusivo dos verbos. Os predicados abaixo têm realização zero. Trata-se de verbos existenciais:

76- Tep Kêt
Peixe não
‘Não tem peixe’

77- Memy ne kuwy kêt
Homem n.fut fogo não
‘o homem não tem fogo’

(iv) Vozes: Não há flexão que indique qualquer tipo de Voz.

iv.a. Voz ativa: a voz ativa se faz presente em todos os dados acima apresentados.

iv.b. Voz Reflexiva: o morfema *amĩ* funciona como pronome reflexivo para todas as pessoas. Esse morfema é usado também para expressar possessivos que têm o mesmo referente que o sujeito:

78- Ba ne ba amĩ a’y

1^as.g. n.fut. 1^as.g. refl. Cortar
'Eu me corto'

79- Tãwã ne amĩ a'y
Ele n.fut reflexiva cortar
'Ele se corta'

80- ba ne ba amĩ kĩ krãta.
1^asg. n.fut. 1^asg. Refl. cabelo Cortar
'Eu corto o cabelo'

- v. **c. Voz Causativa:** Acrescenta-se um agente aos verbos transitivos, intransitivos e descritivos. A forma verbal não é modificada e nenhum outro morfema aparece na construção:

81- Mãtkrwy-'y ne Xêr.
Feijão n.fut queimar
'O feijão queimou'

82- Ngrenhrêrê ne Mãtkrwy'y xêr.
Nome n.fut feijão queimar
'Ngrenhrêrê queimou o feijão'.

83- Ngõnhkrã amĩ kwÿrÿ
Copo refl. quebrar
'o copo quebrou'

84- Ga ne ga ngõnhkrã kwÿrÿ
2^apl. n.fut 2^apl. copo quebrar
'Você quebrou o copo'

85- Ar̀ym ne ngô kapĩ
Já n.fut água derramar
'A água derramou'

86- Meprire ne ngô kapĩ
Menino n.fut água derramar
'O Menino derramou a água'

- vi. **Tipos de verbos:** Em todas as línguas se observa os três tipos de verbo: intransitivo, transitivo e bitransitivo. Mebêngôkre não é exceção.

v.a Verbos Intransitivos: São verbos que selecionam apenas um sujeito. Este pode se manifestar na forma de sintagma nominal (SNs), de pronome livre ou através de afixos de pessoa, os mesmos empregados para marcar o possuidor dos nomes:

87- Me' õ bôktire ne t̃m.
um menino n.fut cair
'Um menino caiu'

88- Meprire kuni ne me ngônh ã rêrê m̃.
Crianças todas n.fut plur. rio em nadar iri
'Todas as crianças foram nadar no rio'

89- Meprire kuni ne me pĩ ã t̃m.
Crianças todas n.fut plur. árvore caiu
'todas as crianças caíram da árvore'

90- Memy ne me àkjêre t̃x ne.
Homem n.fut plur. gritar forte n.fut
'Os homens estão gritando forte'

91- Tep ne ngônh kam tyk
Peixe n.fut rio no morrer

‘os peixes estão morrendo no rio’

92- a-prõt

2ª-correr

‘Você corre’

Os verbos intransitivo têm afixos verbais que são utilizados como prefixos nas formas plenas : *dj-, j, ‘ã, ‘o, ‘ã, nh*, não se tem ainda uma análise para esses prefixos.

Quadro 8- Verbos intransitivos e afixos verbais

Verbos intransitivos na forma reduzida	Afixos verbal com a forma verbal plena	Tradução
Rê	-----	Nadar
Àpênh, apê	(dj)àpênh	Trabalhar
Amra	Dj(amra)	Gritar
Tor	-----	Dançar
tÿm	-----	Cair
Aprãr	J (aprãr)	Morrer
Abeje	J(abeje)	Procurar ou caçar
Iro	Nh(irô)	Torto
Ibô	Nh(ibô)	Encurvar
Kuprãr	‘a (kuprãr)	Descobrir
Kapõnh	‘ã (kapõnh)	Operar
Ikõ	‘o (ikõ)	Beber
Biknor	‘o (biknor)	Perder

v.b. Verbos Transitivos: Nas construções transitivas, a ordem é SOV. Os transitivos são verbos que pedem complemento direto ou indireto e um sujeito. Os sujeitos se manifestam nas formas de sintagmas nominais (SNs) ou de pronomes livres. Os objetos podem se realizar através de sintagmas nominais SNs, pronomes livres ou afixos de pessoa, os mesmos usados para indicar posse nos nomes:

93- Takakti akranhĩ krẽ
N.próp. abacaxi comer
'Tàkàkti come abacaxi'

94- Ngrênh'ê ne tep mrõ.
N.próp. n.fut peixe cozinhar
'Ngrênh'ê cozinhou peixe'

95- Tàkàkti ne kryre nh- ipêx
N.próp. n.fut rede afix.verb. fazer
'Tàkàkti fez rede'

96- Ba a-tak
Eu 2ª bater
'Eu bato (em) você'

A 3ª pessoa pronominal de objeto é expressa por um prefixo e parece estar em distribuição complementar com os sintagmas nominais (SNs). Os dados abaixo foram retirados de Stout e Thomson (2002):

97- Mimi ne bay krẽ
Mimi n.fut milho comer
'Mimi comeu milho'

98- Mimi ne ku- krẽ
Mimi n.fut 3ªobj- comer
'Mimi o comeu'

99- Mimi ne bay ku-krẽ
Mimi n.fut milho 3ªobj- comer
'Mimi o comeu milho'

Outros exemplos podem ser observados abaixo:

100- Ba ku - ga
1ªs. g. 3ª obj. assar

‘Eu o asso’

101- Tãwã ne ku- ga
Ele n.fut. 3ª obj. assar
‘Ele o assou’

Os verbos transitivos têm formas plenas e reduzidas também, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 9- Verbos transitivos e afixos verbais

Os verbos transitivos formas verbal reduzidas	Afixos verbais com as formas verbais plenas	Tradução
Bar	(ku) bar	Cheirar
bẽn	(Ku)bẽn	Mostrar
Bĩn	(ku) bĩn	Matar (singular)
Bõnh	(ku)bõnh	Desatar
Bôr	(ku) bôr	Assar
Byr	(ku)byr	Apanhar (coma mão)
Kàr	(ku)kàr	Cortar (plural)
krê	(ku)krê	Comer
Mar	(ku)mar	Ouvir
mẽn	(ku)mẽn	Jogar
Par	(ku)par	Matar (plural)
Pênh	(ku)pênh	Mexer
Tur	(ku)tur	Carregar
ỹmgrĩ	(nh) ỹmgrĩ	Ajuntar
Ipêx	(nh)ipêx	Fazer
Aêr	(j)aêr	Espantar
Akôr	(j)akôr	Fumar
Ê	(dj) ê	Amarrar
Ûn	(dj) ãn	Chingar
Urênh	(py) urênh	Maldizer
Unên	(py) unên	Apoiar

v.c. Verbos Bitransitivos: São verbos que possuem dois objetos (direto e indireto) e um sujeito. O objeto indireto é seguido por uma posposição e precede o objeto direto, o que reflete uma ordem como: SOIOV:

102- Takakti ne kra mã celular ngã.

N.próp. N.fut filho para celular dar

‘Takàkti deu celular para o filho’

103- Takakti ne Davi mã omrõ onojaret

N.próp. n.fut Nome para comida oferecer

‘Takàkti ofereceu comida para Davi’

104- Takàkti ne benjadjwýrý mã kra jarēnh

Nome n.fut chefe para filho

‘Takakti falou do filho para o cacique’

O objeto indireto também pode se manifestar na forma de prefixo, os mesmos usados para marcar o possuidor:

105- Ba a-mã tep ngã

Eu 2^a-s- para peixe dar

‘Eu dei peixe para você’

2.2.2.1 CONCLUSÕES SOBRE OS VERBOS EM MEBÊNGÔKRE

Os verbos só apresentam flexão de pessoa para expressar ou o sujeito intransitivo ou o objeto direto. No caso dos sujeitos intransitivos, os afixos podem ser considerados como marcas de concordância porque podem ocorrer com sintagmas nominais (SNs) ou pronomes independentes:

106- Ga a-prõt

Você 2^a. s-correr

‘Você corre’

No caso dos objetos, os afixos de pessoa parecem representar os próprios objetos porque não podem ocorrer com sintagmas nominais (SNs):

107- Mimi ne bay ku-krê

Mimi n.fut milho 3ªobj- comer

‘Mimi o comeu milho’

As outras categorias relacionadas ao verbo, como tempo, aspecto e negação, são expressas por morfemas independentes. Não nem mesmo afixos de mudança de valência (causativo, reflexivo e passiva).

2.2.3. OS ADJETIVOS

Há uma classe de adjetivos que pode aparecer tanto na função atributiva quanto em função predicativa.

i. Função atributiva: Os adjetivos atributivos podem ocorrer geralmente depois do nome:

108- Menire prêk

Mulher alta

‘Mulher alta’

109- Mebôktire ire

Menino magro

‘Menino magro’

110- Memy mex.

Homem bom

‘Homem bom’

111- pi’ôkjarênh punure.

Aula ruim

‘Aula ruim’

- ii. **Função predicativa:** Quando o adjetivo está em função predicativa, observa-se que aparece também depois do nome. O verbo cópula pode ocorrer ou não ligando o adjetivo ao sujeito: *ja*. Note-se que em (116) o adjetivo pode ser tanto interpretado como em função atributiva quanto em predicativa, devido a não ocorrência do verbo cópula:

112- Menire prêktire

mulher alta

‘A mulher é alta’

113- Meboktire ja ne ire.

Menino está n.fut magro

‘O menino está magro’

114- Kumã ne pi’ôkjarēnh punure.

Para ele n.fut aula ruim

‘A aula está ruim para ele’

115- Menire mextire.

Mulher bonita

‘A mulher é bonita’

116- Arým ne menire ja mextire

Já n.fut mulher está bonita

‘A mulher já está bonita.’

117- Mebôkti ‘ire

Menino magro

‘o menino é magro/ menino magro’

118- Arým ne mebôkti ja ‘ire

Já n.fut menino está magro
'o menino está magro'

(iii)- **Função de advérbios:** Alguns dos adjetivos podem funcionar como advérbios:

119- Kabên mex -kumrêx
Falar bem ou bom muito
'Fala muito bem'

120- Ngrere punure
Canta mal
'Canta mal'

121- Àkjêre tÿx
Grita forte
'Grita forte'

122- Memy mex -kumrêx kam kabên mex- kumrêx
Homem bom- muito e falar bem- muito
'o homem muito bom, e falar muito bem'

123- Memy tÿx kam amra tÿx
Homem forte e grita forte
'o homem forte e grita forte'

2.2.3.1 Conclusões sobre os adjetivos do Mebêngôkre

Propõe-se aqui que existe uma classe de adjetivos em Mebêngôkre. Uma das evidências para esta afirmação é o fato de que alguns adjetivos podem funcionar como verbos. Existe uma relação entre essas duas categorias nas línguas do mundo. Os advérbios são considerados uma subclasse dos adjetivos:

124- Memy tÿx amra tÿx
Homem forte grita forte
'o homem forte e grita forte'

Além disso, os adjetivos quando em função predicativa podem co-ocorrer com o verbo cópula, como em (117), o que indica que não tem função verbal.

Um fato curioso sobre a classe de adjetivos é que muitos deles terminam em *-(ti)-re*, como se pode ver nos exemplos 111-117. Não foi encontrada nenhuma análise sobre essa ocorrência. Observe a par de adjetivos abaixo. Em função atributiva *-(ti)-re*, não aparece, mas ocorre em função predicativa:

125- Menire prêk
Mulher alta
'Mulher alta'

126- Menire prêktire
mulher alta
'A mulher é alta'

Esse contraste não é verificado com outras formas

127- pi'ôkjarênh punure.
Aula ruim
'Aula ruim'

128- Kumã ne pi'ôkjarênh punure.
Para ele n.fut aula ruim
'A aula está ruim para ele'

Deixa-se a questão do enigma da terminação dos adjetivos para pesquisas futuras.

2.2.4- Os Advérbios:

Modificam o verbo e o adjetivo. Ele se posiciona tanto a direita quanto à esquerda do verbo, dependendo do tipo. Existem vários tipos de advérbios: os de modo, e os de

frequência. Os de modo ocupam posição pós-verbal. Os de frequência ocupam posição pré-verbal:

- 129- Kàti ne mrã tỳx
Barco n.fut andar rapidamente
‘O barco anda rapidamente’.
- 130- Memy ne kunikôt kubeja’ê kam òtônõ.
Homem n.fut sempre rede com dormir
‘O homem sempre dorme na rede’.
- 131- Menire ne òkam atydjà kam òt kêt.
Menina n.fut nunca cama com dorme não
‘A menina nunca dorme na cama’.
- 132- ga ne ga mebêngôkre kabê mar mex.
2^asg. n.fut 2^asg. mebêngôkre falar sabe bem
‘Você sabe fala bem Mebêngôkre’

Em (132), vê-se que o advérbio de frequência pode ocorrer no início da oração, mas antes do verbo. Em (133), observa-se que o advérbio de modo não pode ocorrer antes do verbo porque gera agramaticalidade:

- 133- Kunikôt ne Bebĩn kute tep kuru
Sempre n.fut n.prop. ele peixe comer
‘Sempre Bebĩn, ele come peixe’.
- 134- *menire mexkumrex Mebêngôkre kabê
mulher bem Mebêngôkre fala
‘A mulher bem, fala Mebêngôkre’

2.2.4.1 Concluindo sobre os advérbios do Mebêngôkre

Através dos dados coletados, viu-se que existe uma classe de advérbios constituída por membros, agrupados em tipos. Esses tipos parecem ocupar posições fixas na sentença.

2.2.5- As posposições:

Expressam relações de companhia, local, tempo, etc. Se combinam com os pronomes presos de 1ª pessoa Singular e 2ª pessoa Singular e com SNs e pronomes livres. Exercem a função de núcleo dos sintagmas posposicionais. Abaixo se apresenta o quadro das posposições:

Quadro 10- Posposições

Posposição	Tradução linear
-mã	‘para’ (alvo)
-kurum	‘de’(fonte)
-kam	‘em’
-kôt	‘com’
O	‘com’
Ro’ã	‘junto-com’
‘yr	‘para’

135- I- nã kôt ne ba pur mã i- te mã.
1ªsg. Mãe com N.fut 1ªsg. Roça para 1ªsg.. Ir para
 ‘ Para eu ir para roça com minha mãe’

136- Pur *kurũm* ne ba tẽ.
Roça de N.fut. 1ª.sg. Ir
 ‘eu vim da roça’

137- Krĩ kam ne ba dja
Aldeia em N.fut 1ªsg. fut.
 ‘Estou na aldeia’

138- Ngõnh ‘yr ne ba tẽ
Rio para n.fut 1ªsg. Ir

‘Estou indo para o rio’

- 139- Môpka ne nã ro'ã ngô mã tẽ
N.prop. n.fut mãe junto com rio para ir
‘Môpka foi junto com sua mãe para o rio.’

2.2.5.1. Conclusões sobre as posposições do Mebêngôkre

A classe das posposições é restrita, mas mesmo assim, assume-se que esta é uma categoria lexical independente que marca relações no tempo e espaço entre as entidades. Como a língua é núcleo final era de se esperar a existência de posposições. As posposições introduzem na só sintagma nominal (SNs), mas também orações, como em (134) onde “para” parece dar o sentido de finalidade.

2.3 - As Categorias Funcionais

Mebêngôkre é uma língua do tipo isolante, então possui poucas formas flexionadas. A maior parte das categorias funcionais é representada por morfemas livres ou por enclíticos. Apenas algumas dessas categorias se apresentam na forma de afixos, como os afixos de pessoa que expressam o possuidor, o sujeito intransitivo e o objeto do verbo ou da posposição.

2.3.1- Marcadores temporais, aspectuais e modais

De acordo com Costa (2003), há marcadores temporais, aspectuais e adverbiais conforme o quadro abaixo:

Quadro 11- marcadores temporais, aspectuais e adverbiais

Temporais	Dja ‘futuro’ ne ‘ não futuro’
Aspectuais	Rã’ã ‘ainda’ ‘ÿrÿ ‘imminente’
Adverbiais	Onij ‘longe’ Ajbir ‘agora’ Kunikôt ‘sempre’ Kêt ‘negação’ Kati ‘negação’ Bit ‘somente’ Nà ‘sim’ Ajte ‘novamente’

Fonte: Costa (2003).

(i) **Marcadores temporais:** Conforme, já mencionada em 2.2, a língua possui dois marcadores que especificam a relação de tempo: *dja* (futuro), e *ne* (não futuro).

140- akatibê dja ba tẽ
Amanhã fut. 1ª Sg. ir
‘Eu irei amanhã’

141- I- kamy ne a - kôt tẽ
1ª Sg. irmão n.fut 2ª.sg. com ir
‘meu irmão foi contigo’

(ii) **Marcadores Aspectuais:** *ne* (não futuro) pode ser empregado em contexto de aspecto progressivo e parece indicar ainda os aspectos habitual e completivo :

142- Ngônh ÿr ne ba tẽ
Água para n.fut eu ir
‘Estou indo para o rio’

(iii)- **Marcadores Adverbiais:** A maioria das noções aspectuais é dada por advérbios.

143- Ije mar ngrire rã'ã
1ª.sg. entendo pouco ainda
'Eu ainda entendo pouco'

144- Ajbir ne ba box
agora n.fut 1ª.sg chegar
'cheguei agora'

145- Bebĩn ne kunikõt tep bit ku
N.prop. n.fut sempre peixe somente comer
'Bebĩn sempre, só come peixe'

2.3.2 A negação: A negação também pode ser considerada um elemento funcional de forma independente, como a do português. Tem sempre posição fixa na oração, sempre á direita do verbo:

146- I- mỳr kêt
1ª Sg. chorar não
'Eu não chorei'

2.3.3. Os Pronomes

Acompanham ou substituem os substantivos. Reis Silva (2001) afirma que há três classes de pronomes em Mebêngôkre: pronomes livres, pronomes presos e pronomes ergativos. Estes se distinguem em três números: singular, paucal¹⁶ e plural. O plural esta expresso por *me* (grupo ilimitado) e o paucal *ar* (grupo limitado). Não será tratada aqui a questão do sistema ergativo da língua.

¹⁶ Paucal é flexão de número encontrado na língua Mebêngôkre, para indicar um número reduzido de entidades.

O morfema *ar* refere-se a um numero reduzido, como o da família ou grupo de amigos. Normalmente formam contrações com os pronomes livres:

- 147- Ba + ar = bar (nós exclusivo)
- 148- Ga + ar = gar (vocês)
- 149- Gu + ar = gwaj (nós inclusivo)
- 150- Ø + ar = ar (eles)

Embora o *ar* sempre apareça depois do pronome livre, ele vai aparecer sempre antes do prefixo pronominal.

- 151- Amrêtê *ar* i-djâpênh pũmũ
vem nós trabalhar olhar
'vem olhar nós trabalharmos'

- 152- Mỳkam ne *gar a-* nhõt kêt
Porque n.fut vocês dormindo não
'Porque vocês não estão dormindo'

Quando em posição de sujeito enfático, *ar* aparecerá antes do pronome livre. Este comportamento desse morfema parece indicar que se trata de um morfema livre e não de um afixo, uma vez que afixos não trocam de posição dentro das palavras:

- 153- ar ba ne bar omũ.
1^apc. n.fut 1^apl. ver
'Fomos nós que vimos'

- 154- ar ga ne gar omũ.
2^apc. n.fut 2^apl. ver
'Foram vocês que viram'

Nas construções, *ar* pode estar se referindo ao pronome da 3a pessoa plural limitado:

- 155- Ar tor ar o ba

Eles (poucos) dançando eles. conti.

‘Eles estão dançando’

De acordo com Benveniste (1996), citado por Borges (1995), os pronomes de primeira e segunda (singular e plural) apresentam-se distintamente do pronome de terceira pessoa (singular e plural). Este representa o membro não marcado de não-pessoa. Assim se justifica o fato de que a 3ª pessoa de sujeito seja Ø, conforme o quadro abaixo:

Quadro 12 - Pronomes pessoais livre

Pessoas	Singular	Paucal	Plural
1ª pessoa	<i>Ba</i>	<i>Bar</i> ¹⁷	<i>Ba me</i>
1ª e 2ª pessoa	<i>Gu</i>	<i>Gwaj</i>	<i>Gu me</i>
2ª pessoa	<i>Ga</i>	<i>Gar</i> ¹⁸	<i>Ga me</i>
3ª pessoa	Ø	<i>Ari</i>	<i>Me</i>

Fonte: Reis Silva (2001) adaptado.

De acordo com Borges (1995), os pronomes livres são usados para indicar o sujeito dos verbos transitivos e intransitivos, da forma reduzida:

156- Arým ne ba tẽ

Já n.fut 1ªsg. fui

‘Eu já fui’

157- Arým ne gu tẽ

Já n.fut 1ª e 2ª sg. fui

‘Você e eu fomos’

¹⁷ No quadro de Reis Silva (2001), a 1ª pessoa paucal é *ba ari* e a 2ª pessoa paucal é *ga ari*. Porém, conforme os falantes da língua, é agramatical o pronome livre inicial sem contração. O pronome livre junta-se com o pluralizador *ar*, formando a contração *ba +ar= bar* ou *ar ba*, *ga +ar= gar* ou *ar ga*, e *gu +ar= gwaj*.

¹⁸ O quadro de Reis Silva (2001) foi adaptado: a 1ª pessoa paucal de *ba ari* para *bar*, e 2ª pessoa paucal *ga ari* para *gar*, para atender as construções da língua.

158- Arým ne ga tẽ.

Já n.fut 3ª sg fui

‘Você já foi’

159- Bar Ø- kum kurwa

1ªpc. eles em bater

‘Nós (excl.) vamos bater neles’

160- *Gwaj ba ngrãtyk*

1ª e 2ª pc. sujo

‘Nós (incl.) estamos sujos’

161- Ar ga ne gar pĩpa kwỹrỹ

2ªpc. n.fut 2ªpl. galho quebrou

‘vocês quebraram o galho’

Viu-se acima que há pronomes presos na língua que podem se manifestar em nomes, verbos e posposições. Nos nomes, esses pronomes se referem ao possuidor. Nos verbos, se referem ao sujeito intransitivo e ao objeto direto. Nas posposições, eles se referem ao objeto. Apresenta-se abaixo, os pronomes pessoais de formas presas:

Quadro 13- Pronomes Presos

Pessoas	Singular	Paucal	Plural
1ª pessoa	<i>i-</i>	<i>Ari i-</i>	<i>Me i-</i>
1ª e 2ª pessoa	<i>Gu ba</i>	<i>Gwaj ba</i>	<i>(gu) me ba</i>
2ª pessoa	<i>a-</i>	<i>Ari a-</i>	<i>Me a-</i>
3ª pessoa	\emptyset	<i>Ari (ku-)</i>	<i>Me (ku)</i>

Fonte: Reis Silva (2001)

Os pronomes presos do singular são usados com as formas verbais plenas:

162- Pur mã ne *i-* têm kêt.

Roça pra n.fut 1ªsg. ir neg.

‘Eu não fui a roça.’

163- Pur- mã ne a- têm Kêt

Roça- com n.fut 2ªsg. foi não

‘Ele/ela não foi para a roça’

E os pronomes presos paucal e plural são usados com os verbos nas formas reduzidas:

164- Pur- mã ne *ar i-* mōr kêt.

Roça-para n.fut 1ªpc. fomos não

Nós (grupos pequeno) não fomos para a roça. (exclui-se você)

165- Pur- mã ne ar a- mõir kêt

Roça-para n.fut 2ª pc. foram não

Todos vocês (grupo pequeno) não foram para roça’

166- Pur- mã ne me i-mõir kêt

Roça-para n.fut 3ª pl. foram não

Nós todos (ou um grupo grande excluindo você) não fomos para a roça.

167- Pur- mã ne me a- mõir kêt

Roça-para n.fut 2ª pl. Fomos não

‘Vocês todos (ou um grupo grande) fomos a roça’.

Os pronomes presos são também utilizados com os verbos na forma descritiva, como mostra o quadro (14).

Quadro 14- Verbos descritivos

Verbos descritivos	Verbos descritivos com pronomes presos	Tradução
Mex	Imex ou amex	Bem
Ngryk	ingryk ou angryk	Raiva
Kaprire	Ikaprire ou akaprire	Triste
Rerekre	irerekre ou arerekre	Fraco
Katyk	Ikatyk ou akatyk	Cansado
Kane	Ikane ou akane	Doente
Punu	Ipunu ou apunu	Mal
Mõi	Imõi ou amõi	Fomos

Reis Silva (2001), distingue também os pronomes ergativos que marcam os sujeitos dos verbos transitivos. No padrão ergativo, o sujeito do verbo transitivo tem um comportamento diferente do sujeito intransitivo relacionado ao caso, à concordância e à posição. O sujeito intransitivo se comporta morfossintaticamente igual ao objeto direto.

Quadro 15- Pronomes Ergativos

Pessoas	Singular	Paucal	Plural
1ª pessoa	Ije	Ari ije	Me ije
1ª e 2ª pessoa	Gu Bajé	Gwaj Bajé	(gu) me baje
2ª pessoa	Aje	Ari aje	Me aje
3ª pessoa	Ku-	Ari kute	Me kute

Fonte: Reis Silva (2001)

No sistema ergativo, os pronomes do quadro acima expressam os sujeitos das construções transitivas, enquanto os sujeitos e os objetos são expressos pela serie de pronomes presos:

168- *Aje* *i-* *j-* *ajtêk* *kêt*
 2ªsg. 1ªSg. - *af.verb-* *pintura do rosto* *não*
 ‘Você não me pintou o rosto’

169- *Kute* *i- j-* *ajtêk* *kêt*
 3ªsg. 1ªSg. - *af.verb.* - *pintura do rosto* *não*
 ‘Ele não me pintou o rosto’

2.3.4 Pronomes Demonstrativos: não há artigos definidos e indefinidos, mas existem pronomes demonstrativos, que indicam a posição das entidades no discurso, situando-as no tempo ou espaço. Há dois morfemas em Mebêngôkre que têm a realização de demonstrativos *wã* e *ja*.

Quadro 16- Pronomes Demonstrativos

Pronomes demonstrativos	Tradução
ja-	Este- esta – isto -
wã –	Aquela - aquele- aquilo
ar ja-	Esses - essas

170- - Kikre wã
Casa aquela
‘Aquela casa’

171- Kën ne jã
Pedra n.fut isto
‘Isto é pedra’

172- Kà Tùm wã.
Cesta velha aquela.
‘Aquela cesta velha’.

173- Memy wã
Homem aquele
‘Aquele homem’

2.3.5 Pronomes indefinidos

Em Mebêngôkre, os pronomes indefinidos, invariáveis quanto ao gênero e número, podem aparecer depois do pluralizador *Me* e antes dos nomes.

174- Me ‘õ
Plur. Alguma
‘alguma pessoa’

- 175- Me 'õ nire
Plur. Uma mulher
 'algumas mulheres'

2.36 Pronomes Interrogativos

Os pronomes interrogativos são invariáveis.

Quadro 17 – pronomes interrogativos

Pronomes interrogativos	Tradução
Mỳj 'ã	Sobre quem? De quem?
Mỳj?	O que é?
Mỳjrỳ?	Para onde?
Mỳkam?	Por que?
Nhym na? Mỳj mẽ'õ?	Quem?
Nhym nhõ?	De que?
Nhỹnh?	Onde?

- 176- - Mỳjrỳ ga tễ?
Onde você vai
 Onde você vai?

- 177- Mỳkam ne a- kra muw.
Por que n.fut 2^asg. filho chorar
 Por que seu filho está chorando?

- 178- Mỳj mẽ'õ ne bôx
Quem alguém n.fut chegou
 Quem chegou?

179- - Nhỹnh jakam dja a- mjêt bôx
Onde hoje n.fut 2ªsg marido chegar
De onde chegou hoje seu marido hoje?

180- - Nhym na tep krê?
Quem peixe comer
Quem comeu o peixe?

181- Mỳj ne menire ja kukrê
que n.fut mulher está comer
‘O que esta mulher comeu?’

2.3.7- Complementizador: Na fala natural do Mebêngôkre não tem discurso indireto. As construções são como diálogos. Isto é, é discurso direto. Sendo assim, inexistem morfemas com função de Complementizador:

182- - Menire i-mã, [birãm i-mijêt pur mã tẽ] ane.
Mulher mim-para talvez meu-marido roça para ir disse
“A mulher disse para mim:” talvez meu marido vá para roça

2.3.8- Os verbos auxiliares

São os verbos posicionais o *nhỹ*, o *dja*, e o *o ba*, que dão o aspecto progressivo da ação do verbo principal. Ocorrem à direita do verbo lexical. São utilizados com os pronomes de 1ª pessoa *na bãm*, de 2ª pessoa *na gãm* e de 3ª pessoa *nãm*. O emprego desses pronomes *nã bãm*, *nã gãm* e *nãm*, indica que a pessoa está praticando a ação ou a observando. A 3ª pessoa plural *nã* é utilizada com *ar* (paucal) e *me* (plural para muitos):

183- - Nã bãm põnh o dja
1ª sg. lavando em pé
‘Eu estou lavando (em pé)’

- 184- Nã gãm põnh o dja
 2ª Sg. lavando em pé
 ‘Vocês estão lavando (em pé)’
- 185- Nãm me põnh o dja.
 3ª Sg. plur. lavando em pé
 ‘Todos estão lavando (em pé)’
- 186- Nã bãm me mã myjja nhõr¹⁹o ba
 1ª sg. plur. para coisas vender cont.
 ‘Eu estou vendendo as coisas para as pessoas ’

2.4. Os Sintagmas Nominais (SNs)

Os sintagmas nominais ocorrem com sintagma adjetival (SAs) , demonstrativos e sintagmas pós-posicionais (SPs) Exercem as funções de sujeito, objeto, adjunto e predicados. Tanto os elementos funcionais, como os demonstrativos quanto os lexicais em função de adjuntos, como os sintagma adjetival (SAs) e sintagma pós-posicional (SPs), ocorrem à direita do núcleo do sintagma nominal (SNs). O determinante se posiciona como o elemento mais à direita do sintagma, como mostra (192) :

- 187- [Meprire kinh] ngõnh kam rêrê mari
 Crianças alegre Rio em nadar saber
 ‘[As crianças alegres] sabem nadar no rio’
- 188- [Memy wã] ne [angrô õnh] bĩ
 Homem aquele N.fut. Porco do mato um matar
 ‘[Aquele homem] matou [um porco do mato]’

¹⁹Nhõr tem três significados –“ dar, vender e pegar”- que dependerá da construção da frase. Isto é, o significado específico deste verbo dependerá dos constituintes com os quais co-ocorrer.

189- ba ne ba bà kam [ropkrori pydji kuprãm kôt] omũ
I.sing. n.fut I.sing. mata em onça uma fome com ver
‘eu vi [uma onça com fome] na mata

190- [Menire ngrire mex] ne me metoro ÿr mõi
Menina poucas bonita n.fut plur. festa para ir
[poucas mulheres bonita] foram para festa.

191- ba ne ba [ropkrori kumex kuprãm kôt] bà kam omũ
I^asing. n.fut I^asing. onça muito fome com mata na vê
Eu vi [muitas onça com fome]na mata.

192- [Meprire prire ja] ne me ngõnh kam bixaêrê o kumex
Criança pequena estas n.fut plur. rio em brincar inst. muito
[estas muitas crianças pequenas] brincaram muito no rio

A ordem no sintagma genitivo é: possuidor-possuído, como em (192). O morfema possessivo ocorre entre o possuidor e o possuído em caso de posse alienável, como em (193):

193- [Wajanga kra] ne arým mã tẽ.
Pajé filho N.fut. Já pos.dir. ir
‘[O filho do pajé] já viajou’.

194- [I- bam nhõ kikre.]
I^apes.sing. Pai pos.meu casa
‘A casa do meu pai’

Qualquer modificador do núcleo do SN ocorre à sua direita. Este é caso do quantificador todos em (194):

195- [I- nã kamy kuni] ne metoro kam mõi.
I^apes.sing mãe irmão todo n.fut festa no foram
‘[Todos os irmãos da minha mãe] foram a festa’.

Os quantificadores indefinidos (“algum/alguns”) apresentam uma ordem diferente. Aparecem à esquerda do núcleo, como mostram os exemplos abaixo:

- 196- Môpka ne metoro kam [me’ô nyre mex nhinhuôti] pumũ.
N.prop. N.fut. Festa em um rapaz bonito bigodudo ver
‘Môpka viu um rapaz bonito bigodudo na festa’.

Assume-se que as categorias funcionais que circundam os nomes são: os demonstrativos/ determinantes, os pronomes possessivos e os pluralizadores (*me*) e (*ar*) e, talvez, o marcador de posse. Dessas, apenas os pronomes possessivos podem ter estatuto de flexão. Os outros elementos são morfemas independentes.

Os numerais e quantificadores não são funcionais. O quantificador “ todos” ocorre como o último elemento dentro do sintagma nominal (SNs), à direita do núcleo que modifica e de todos os outros constituintes:

- 197- [Memy wã kuni] ne me arým kute tep õ wabir mã.
[homem. Aquele todos] n.fut plur. já eles peixe um subir para
‘[Todos aqueles homens] eles já estão para subir um peixe’

- 198- [ar amajkrut ja kuni] ne arým ar metoro yr mõ.
[eles dois estes] todos n.fut já eles festa para ir
‘[Todos estes dois homens] eles todos já foram para festa’

- 199- [meprire kuni] ne me kikre kumex kam arým tyrti krẽ
Crianças todas n.fut plur. casa muitas em já banana comer
‘ [Todas as crianças]já comeram bananas nas casas

- 200- meprire ne me arým kikre kam [tyrti kuni] krẽ
Criança n.fut plur. já casa em banana todas comer
‘As crianças já comeram [todas as bananas] nas casas

201- meprire ne me ar̀m [kikre kuni] kam kôt [tyrti kuni] krẽ
Criança n.fut plur. já casa todas em com banana todas comer
‘As crianças já comeram [todas as bananas]em [todas as casas]’

2.5 Conclusões

Mostrou-se, neste capítulo, a existência em Mebêngôkre de todas as categorias lexicais estabelecidas como universais (cf. Chung, 2014): nome, verbo, adjetivo e posposição. Também se observou a ocorrência de advérbios: uma classe de palavras não-nuclear, mas que parece ter posições específicas na oração, o que lhe confere uma independência das outras classes.

Elementos funcionais foram também identificados na língua. Os relacionados com os verbos são: verbos auxiliares (posicionais), marcadores de tempo/aspecto, negação e pronomes pessoais. Somente uma série de pronomes pessoais tem natureza de flexão: a que marca o sujeito intransitivo e o objeto direto. Os outros elementos são sintaticamente independentes. As categorias funcionais relacionadas com os nomes são: demonstrativos/determinantes, marcadores de pluralidade e pronomes pessoais que indicam o possuidor. Destes todos, somente os pronomes pessoais são afixos.

O Mebêngôkre é uma língua do tipo isolante, o que explica a ocorrência de elementos funcionais em formas independentes. Sendo assim, o critério sintático foi o mais eficaz para o reconhecimento das categorias lexicais e funcionais.

Existem ainda muitas questões a serem pesquisadas no futuro para que se possa chegar a uma análise mais precisa sobre as categorias do Mebêngôkre. Dentre elas podemos citar duas relacionadas ao marcador *ne*:

- (i) O estatuto sintático do marcador de tempo/aspecto *ne*. Este morfema é verificado ocorrendo duas vezes na mesma oração. Trata-se do mesmo morfema? Se sim, não pode ser um morfema funcional porque este só pode aparecer uma vez em cada sentença:

202- Memy kuni ne me àkjêre tyx ne.

Homem todos n.fut plu.r gritar forte n.fut

‘ Todos os homens gritaram forte ’

- (ii) Relacionada à questão (i) existe outra que tem a ver com a posição sintática de *ne* e o comportamento dos outros constituintes. Observou-se no decorrer deste capítulo que o prefixo objeto de 3ª pessoa não pode co-ocorrer na mesma sentença com um sintagma nominal (SNs) objeto, como mostra o exemplo (202)²⁰:

203- *Mimi ne bay ku-krẽ

Mimi n.fut milho 3ª-comer

‘ Mimi não o comeu o milho ’

Mas quando *ne* está após o objeto, como em (203), a co-ocorrência dos dois é possível:

204- Meprire ire tyrti ne ku-krẽ

Menino magro banana n.fut 3ª-comer

‘ O menino magro comeu-a a banana ’

²⁰ Exemplo de Stout e Thonsom(2002).

CAPÍTULO III_ ESBOÇO INICIAL PARA UMA FUTURA GRAMÁTICA BILÍNGUE-MEBÊNGRÔKE /PORTUGUÊS

“Somente com constituição Federal de 1988, garantiu-se aos povos indígenas o direito à sua cultura e à sua língua No artigo 210, cita-se que:” o ensino fundamental será ministrado em língua portuguesa, assegurando às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. Sendo reforçado mais tarde pelas Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena, de 1993, p. 177, assegura que “cada povo tem o direito de aprender na escola o português como segunda língua, em suas modalidades oral e escrita, em seus vários registros – formal, coloquial, etc.”

Apesar do direito garantido nas leis, os indígenas sabem em tese o que seja uma educação diferenciada. Os docentes têm encontrado dificuldades para que esta educação deixe ser uma proposta no papel para se tornar uma realidade. Um dos principais obstáculos é como ministrar o ensino da língua portuguesa como segunda língua.

Entre os Mebêngôkre, o processo de ensino bilíngüe adotado ainda se encontra em fase de transição na visão indigenista integracionista. O ensino da língua portuguesa e da língua Mebêngôkre acontece de forma descontextualizada das necessidades e das realidades dos indígenas.

Para efetivar uma educação específica, diferenciada e bilíngüe faltam materiais didáticos, baseados no cotidiano indígena e que visem o fortalecimento e a valorização das culturas e das tradições indígenas.

O ensino da língua Mebêngôkre é realizado com base nas cartilhas *Me Banhõ Pi'ók*, volumes 1, 2 e 3, que foram produzidas em 1998, pelo Summer Institute of Linguistic (SIL) e no livro de alfabetização na Língua Mebêngôkre, produzido no curso da Floresta Protegida. Os exemplos 1 e 2 ilustram cada um desses livros didáticos:

1a: Cartilha Me Banhõ Pi'ók

Pidjô- ‘ã ngra.²¹

Ngra- ne pidjô –‘ã dja.

Ngra-‘ÿr ne ibãm tẽ.

²¹ Texto retirado da Cartilha *Me Banhõ Pi'ók*, volume 1

Pidjô-‘ã ngra-‘ÿr ne ibãm tẽ.

1b:Tradução

Há pacas junto às frutas.

A paca está perto das frutas.

Meu pai vai buscar paca.

Meu pai vai à fruta onde há pacas.

2ª: Livro

Apÿj mẽ’ôk nhĩdji ‘ã ujarẽj²²

Apÿj mẽ’ôk nhĩdji djari nẽ mẽ kute ‘ã amĩ jôk. Mẽ’ôk nhĩdji nẽ já:

Kaprãn ok, mẽ’ãna mẽ, àkre’ôk mẽ ibê, pàtjarapê, ngôkôntire ok, pyka kãm mej’ê.

mẽ’ôk ja’ã nẽ mẽ mẽtoro kadjy ‘ã amĩ jôk o ba.

Nãm mẽmy toro kadjy àkre ôk’ã kute amĩ jôk. Nhÿm mẽnire toro kadjy kute kwÿky’ã bit amĩ jôk, nhÿm mẽkwÿ ikra ‘ã kute aminhibê.

2b: Livro

A história dos nomes das pinturas

Cada pintura tem nome é usada em uma festa.

Estes são os nomes das pinturas: Kaprãn ôk, Mẽ’anã mẽ, Àkre’ ôk, Me ibê, Pàtjarapê, ngôkôntire ok, Pyka kãm mej’ê. Estas pinturas o povo usa para as festas.

Os homens se pintam com a pintura àkre’ ôk para as festas. Então somente mulher, elas pintam com a tala, e algumas pintam com o dedo.

Observe-se que o primeiro texto constitui-se de frases soltas, baseadas numa visão mecanicista, onde a metodologia faz com que o aluno assimile pela repetição das palavras, das maiores para os menores.

Para ensinar a escrever por meio desse método, o aluno é levado a fazer cópias, e ditados, formar frases, enfatizando o desenho correto das letras. Daí a produção da escrita se restringe ao controle da caligrafia e da ortografia. (MORTATTI, 2006, P.5),

O segundo texto é uma descrição dos tipos de pinturas do povo Mebêngôkre, importante para manutenção da cultura. Serve para que os jovens tomem ciência da

²² Texto retirado livro de alfabetização na Língua Mebêngôkre, produzido no curso da Floresta Protegida, para ensinar alunos de alfabetização

importância de cada pintura e o momento em que são utilizadas. Esse tipo de texto é informativo e auxilia o aluno a compreender a sua cultura e a fortalecer as suas tradições.

Em suma, mesmo apresentando problemas em vários aspectos, os livros didáticos Mebêngôkre introduziram as primeiras fontes de escrita no processo educacional. Estes livros nos permitiram refletir sobre o processo de ensino da escrita e da leitura a este povo de oralidade. Percebendo a importância dessas fontes históricas e de registros da língua, pode-se dizer que foram um auxílio na alfabetização dos Mebêngôkre.

Neste capítulo, apresenta-se um esboço inicial para uma possível produção futura de uma gramática bilíngüe nas línguas Mebêngôkre e Portuguesa. Nesse esboço gramatical, constam definições e exemplos de uso de algumas categorias lexicais e funcionais apresentadas no capítulo 2, tais como: nome/substantivo, verbo, adjetivo e adposição. Também sugere-se idéias para exercícios de fixação de conteúdo. A parte do nome/substantivo está mais desenvolvida do que as demais categorias lexicais porque as suas propriedades são mais fáceis de transmitir para crianças.

3.1- O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA OS POVOS INDÍGENAS

Para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (L2) em uma comunidade indígena, é preciso “considerar as profundas diferenças de uma tarefa profissional facilitadora de compreensão do Português e **das culturas associadas a essa língua** entre aspirantes e **adquiridores desse idioma que pertencem a outras línguas e culturas**”. (da Silva, 2016 apud BATISTA; ALARCÓN, 2012, grifo nosso)

Para os autores, o docente tem que entender que ensinar a língua portuguesa como L1 é diferente de ensinar como L2. São dois processos de aquisição distintos. No primeiro caso, o processo ocorre de modo espontâneo e natural. No segundo caso, é preciso instrução formal em sala de aula.

De acordo com Almeida Filho (2005), Batista e Alarcón (2012) e da Silva (2016) para o ensino de língua portuguesa como L1 e L2, as diferenças nas competências a serem desenvolvidas nos alunos são conforme o quadro abaixo:

Quadro 18- Competências gerais do ensino de Línguas como L1 e L2.

Ensino de L1	Ensino L2
È reconhecer as variantes da língua, facultando ao aluno o acesso à variante padrão.	O ensino começa distinto, pois o tempo de aprendizagem do aluno – tempo de análise, compreensão, reflexão e aprendizagem da língua – é diferente do tempo de um aluno de L1;
O tempo de aprendizagem é menor porque o aluno já possui a língua.	Exige um tempo maior para o aluno se adaptar, já que não possui a língua
Ensina-se uma língua sobre a qual o aprendiz já possui concepções formadas e que é adquirida naturalmente no bojo familiar.	Ensinar é facilitar a aquisição de uma língua familiar situada em uso ao redor, e que, embora não dominada, serve logo para a comunicação em algumas esferas da vida;
A aquisição de uma língua é decorrente de sua utilização; isto é, da exposição a ela no início do processo.	É necessário adquirir conhecimentos estruturais (sobretudo gramaticais) sobre a língua para que se aprenda a utilizá-la;
Abordagem de ensino enraizada na tradição latina via análise lexical e sintática. Exercícios de análise de combinação das palavras em orações. Exercícios de interpretação textual sem abranger com amplitude os pontos de vista múltiplos das vozes em sala de aula	Foco no aluno, cuidando de aspectos afetivos. Interesses dos alunos consultados. Estímulo a trabalhos em grupo via tarefas e projetos

Fonte: elaborado por da Silva (2016) e baseado em estudos de Almeida Filho (2015) e Batista e Alarcón (2012).

Conforme o quadro acima é diferente o processo ensino-aprendizagem dos alunos de L1 e os de L2. No processo de ensino da L1, o aluno inicia com o reconhecimento das variantes de sua língua, o que acontece em um tempo menor, porque este já possui conhecimento sobre a sua língua. O aluno de uma L1, através de instrução formal, adquire um conhecimento lingüístico consciente com atividades de análise lexical e sintática e de interpretação textual.

No processo ensino- aprendizagem da L2, o aluno também vai aprender a refletir sobre a língua, mas essa habilidade exige um tempo maior para ser adquirida. O aluno de uma L2 tem que ter convívio com outros indivíduos falantes da L2, para assim, através da convivência e das metodologias de ensino da L2, ele possa adquirir os conhecimentos estruturais sobre ela e aprenda a utilizá-la. O aprendizado acontecerá através de estímulos de atividades orais, individuais e em grupo.

Aponta-se que se deve ensinar a língua portuguesa e a língua indígena, simultaneamente, no mesmo ambiente de aprendizagem.

Conforme D'Angelis (2000), porém, no processo de alfabetização bilíngüe, existem coisas que não dá para se fazer, como alfabetizar em duas línguas ao mesmo tempo.

Para o autor, a alfabetização em língua materna deve anteceder a alfabetização na segunda língua. As justificativas para essa afirmação vêm de fatores como a manutenção da auto-estima e da autoconfiança do aluno e a possibilidade de completo desenvolvimento das competências lingüísticas do aluno em sua própria língua.

D'Angelis apresenta dois modelos diferentes de programas bilíngües adotados pelas comunidades do sul do Brasil:

- (i) Programas Bilíngües de Substituição e Transição. Neste modelo, a alfabetização inicial é feita na língua indígena, mas o objetivo principal é mais tarde, substituir a língua nativa dos alunos pela língua portuguesa em todas as disciplinas.
- (ii) Programas Bilíngües de Manutenção ou revitalização Linguística. Neste modelo, a alfabetização começa pela língua materna e só depois, os alunos são alfabetizados em português. O objetivo é desenvolver a competência das crianças nas duas línguas. A língua nativa permanece como a língua de instrução em todas as séries posteriores.

3.2- A IMPORTÂNCIA DO MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE

Quaresma (2012) cita que “o livro didático para os povos nativos do Brasil, mais que prévia conquista da escrita das línguas indígenas, reflete a autonomia dos povos indígenas nos

modos de organização dos processos educacionais que circundam a educação escolar indígena.

A política de produção de materiais didáticos bilíngües está prevista na LDB, no artigo 79º, como objetivo da educação indígena, a ser desenvolvida pelo governo, sendo objetivo também do PNE, que estabelece a criação pelo MEC de secretarias estaduais de educação voltadas à produção e à publicação.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases Nacional – Lei (9394/96) no artigo 78: na educação escolar para os povos indígenas dever ser intercultural e bilíngüe para a “reafirmação de suas identidades étnicas, recuperação de suas memórias históricas, valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e conhecimentos valorizados pela sociedade nacional”

Neste sentido, uma das ações que pode por em prática a execução da referida lei é a produção de material didático bilíngüe na língua portuguesa e na língua Mebêngôkre, no intuito de sistematizar os conhecimentos dos alunos indígenas para que estes possam perceber como se usa a língua nos mais variados gêneros textuais.

O livro didático bilíngüe vem como uma proposta de autonomia e construção de uma aprendizagem voltada ao contexto indígena, atendendo as, especificidades de uma educação diferenciada.

Na prática as escolas indígenas não estão sendo atendidas com materiais didáticos bilíngües ou mesmo na língua do povo Mebêngôkre. Os livros disponíveis nas escolas indígenas são os mesmos utilizados em escolas não-indígenas, descontextualizados da realidade do povo.

Nestas escolas indígenas, os professores indígenas e não indígenas têm encontrado dificuldade para ensinar as línguas Mebêngôkre e portuguesa. Falta conhecimento teórico que possibilite uma reflexão sobre as metodologias que possam facilitar o ensino bilíngüe em sala de aula, estabelecendo um currículo específico, e material didático bilíngüe de apoio ao trabalho dos docentes.

3.2.1 EXPERIÊNCIA DOCENTE

Baseada na minha experiência de seis anos como docente na escola Capitão Bep Nox, e vivenciando as minhas dificuldades e as dos demais docentes por falta de materiais didáticos bilíngue, eu mobilizei a equipe da escola para irmos à comunidade apresentar nossa idéia de produzir livros literários com histórias da comunidade.

Na semana seguinte, começamos a produzir histórias sobre as origens do povo Mebêngôkre, como *Bày ã'ujarênh*, a origem das pinturas “*Nheprê ã'ujarênh*”, a origem dos nomes “*Bepkaroti ã'ujarênh*”, *Mjêxêt ã'ujarênh*, a origem do fogo, “*Roppkrori ã'ujarênh*”. Para a produção desses mitos, contamos com toda a equipe da educação indígena, juntamente com os anciões.

Baseada nesta experiência, quando eu iniciei o Curso PROLLIND, em conversa com minha orientadora, Márcia Damaso, decidi realizar uma pesquisa sobre as categorias lexicais e funcionais em Mebêngôkre, já que os materiais existentes sobre essa parte da gramática da língua são bastante complexos para um leigo entender. Também, com base em alguns aspectos do esboço gramatical monolíngüe referente às categorias lexicais e funcionais do guarani, produzido pela orientadora junto aos indígenas residentes no Paraná, decidi elaborar um esboço gramatical bilíngüe como mais um produto da minha pesquisa sobre classes lexicais e funcionais em Mebêngôkre.

A partir do conhecimento sobre morfologia aprendido nas aulas do PROFFLIND, realizei pesquisa de campo para a identificação das classes lexicais e funcionais em Mebêngôkre.

O material didático consta de um projeto gráfico com desenhos ilustrativos feitos pelos alunos do Fundamental II, a partir das temáticas escolhidas para elaborar os textos e exercícios. Também contém fotos registradas por mim.

3.3. ESBOÇO GRAMATICAL INICIAL

De acordo com Antunes (2003, p.85), a gramática é constituída por regras que são inatas a cada falante nativo. Essas regras restringem as formas das gramáticas de todas as línguas.

Segundo da Silva (2016), na escola, a criança não pode adquirir novas regras gramaticais universais. Ela adquire regras específicas e o ensino formal a torna consciente de alguns de seus saberes gramaticais, como as classes lexicais, as funções sintáticas dos sintagmas, etc.

No capítulo 2 desta dissertação, viu-se que , assim como o português, o Mebêngôkre possui as quatro classes de palavras consideradas universais: nome/substantivo, verbo, adjetivo e posposição. Para Chung (2014), todas as línguas possuem essas quatro categorias nucleares. As línguas se diferenciam entre si na maneira como expressam as categorias funcionais e gramaticais, como número, gênero, grau, tempo/modo/aspecto, etc. Essas categorias podem ter forma de afixos ou são morfemas independentes.

No esboço gramatical abaixo, define-se e descrevem-se as categorias de nome/substantivo, verbo, adjetivo e adposição. Esse esboço contém informações destinadas a crianças indígenas bilíngües e a docentes não-indígenas que necessitam de informações sobre a gramática da língua.²³

1.1.1 O NOME/SUBSTANTIVO

A- Nome/ substantivo-Definição

Ap̀y`nh m̀y`jja nhidji dj̀ari

‘Os vários nomes de diferentes objetos , (indivíduos e sentimentos)(são chamados de nomes ou substantivos)’²⁴

1. *Pur karõ neja.*

²³ Muitos dos enunciados do esboço gramatical não foram vertidos para a língua Mebêngôkre devido à complexidade de idéias envolvidas nas descrições ou porque não têm correspondente na língua.

²⁴ O que está entre parênteses não tem correspondente na versão Mebêngôkre acima.

Isto é a foto de uma roça.

Par bê ne pur no'ók. Mẽ kabẽn bê pur ne kubê idji norõkot substantivo

Abaixo esta escrito “roça”. Esta palavra “roça” chama-se de nome ou substantivo

Figura 02- Nheprõ Kayapo retirando mandioca



Fonte: Dilcilene da

Silva Menezes

Pur – roça

.

2.Gwaj mepretire karõ pumũ.

Vamos olhar a foto de uma moça.

Foto 5- Nhakanga Kayapo



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

Mepretire – moça

Par bê ne mepretire no'ôk. Mẽ kabẽn bê mepretire ne kubê idji norôkot substantivo.

Abaixo está escrito “moça/menina”. À esta palavra “menina” chama-se de nome ou substantivo.

3. Gwaj kà karõ pumũ.

Vamos olhar uma foto de uma cesta.

Figura 6- Cesto



Kà – cesta

Par bê ne cesto no'ôk. Mẽ kabẽn bê cesto ne kubê idji norôkot substantivo.

Abaixo está escrito “cesta”. Esta palavra “cesta” chama-se de nome ou substantivo.

4. Gwaj Kruwynhtire karõ pumũ.

Vamos olhar a foto de um periquito.

Par bê ne Kruwynhtire no'ôk. Mẽ kabẽn bê Kruwynhtire ne kubê idji norôkot substantivo.

Abaixo está escrito “periquito”. Esta palavra “periquito” chama-se de nome ou substantivo.

Foto 7- Periquito



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

Kruwynhtire – periquito

5. Gwaj Kaprân karõ pumũ.

Vamos olhar uma foto de um jabuti.

Foto 8- Jabuti



Fonte: Dilcilene Silva Menezes

kaprân – jabuti

Par bê ne Kaprân no'ók. Mẽ kabên bê Kaprân ne kubê idji norõkot substantivo.

Abaixo está escrito “jabuti”. À esta palavra “jabuti” chama-se de nome ou substantivo.

6. Gwaj krĩ karõ pumũ.

Vamos olhar uma foto da aldeia.

Foto 9- Aldeia Kôkraxmôr



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

Krĩ - aldeia

Par bê ne krĩ no'ôk. Mẽ kabẽn bê krĩ ne kubê idji norôkot substantivo.

Abaixo está escrito "aldeia". À esta palavra "aldeia" chama-se de nome ou substantivo

7. Gwaj mebôktire karõ pumũ.

Vamos olhar uma foto de meninos.

Foto 10- grupo de meninos



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

Mebôktire – menino

Par bê ne mebôktire no'ôk. Mẽ kabẽn bê mebôktire ne kubê idji norôkot substantivo.

Abaixo está escrito "meninos". À esta palavra "meninos" chama-se de nome ou substantivo.

8. Gwaj Krĩ karõ pumũ, memy kĩnh .

Vamos olhar uma foto da aldeia em festa com homens felizes (com felicidade).

Foto 11- homem dançando



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

Kĩnh - Felicidade

Par bê ne Kĩnh no'ôk. Mẽ kabẽn bê Kĩnh ne kubê idji norôkot substantivo.

Abaixo está escrito “felicidade”. À esta palavra “felicidade” chama-se de nome ou substantivo

B. Nome/Substantivo- Características

Os nomes podem expressar as idéias de posse (bens), grau (tamanho) e número (poucos/muitos) .

(i) **Posse** (bens) pode dividir os objetos, pessoas e estados em alienáveis (objetos em geral, e transporte) e inalienáveis (partes do corpo e parentes)

mỳjja bê substantivo kubê inhõ, anhõ ne kubê inhõ kikre, inhõ ngõnh, anhõ pur, anho tyrti, inhõ kumokrax ba, anho kumokrax ga.

Os substantivos / nomes alienáveis que são objetos como “casa, panela, roça, banana” podem ser possuídos pelas pessoas e animais. Neste caso, estão acompanhados por *nhõ*. que reforça a idéia de posse, como no quadro abaixo:

8.

Quadro 19- Substantivos Alienáveis

i-nhõ kikre	Minha casa
A-nhõ ngõnh	Sua panela
a-nhõ pur	Sua roça
Õ tyrti	A banana dela

mỳjja bê substantivo kubê inhõ bit ne kubê ikra, Inã, akwatynh, apa, ate, i-kumokrax, ba, a- kumokrax ga.

Os substantivos que são objetos, como “filho, vovó, braço, perna” devem vir sempre acompanhados pelo possuidor também e são do tipo inalienáveis. A posse não pode ser transferida:

9.

Quadro 20- Substantivos Inalienáveis

I-kra	Meu filho
I-pa	Meu braço
A-te	Sua perna
A-mjete	Seu marido
I-nhürkwã	Meu lar

10. Amrê ara omũ :

Observe no dialogo os substantivos (alienáveis e inalienáveis):

a.

Figura 12- Meninas Kayapo



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

b.

Figura 13- Meninas Kayapo



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

c.

Figura 14- MeninasKayapo



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

d.

Figura 15- Meninas Kayapo



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

(ii) *Grau (tamanho): diminutivo/pequeno(ngrire), e aumentativo/ grande (rax).*

11. **Amrã ara omũ ngrire me rax, par bê no'ôk:**

Observe as palavras com aumentativo e diminutivo

a. Casa grande – **kikre rax**

Figura 16- Casa Mebêngôkre



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

b. Casa pequena – **kikre ngrire**

Figura 17- Casa Indígena



Fonte: www.google.com

12.

Quadro 21- Aumentativo e Diminutivo

Aumentativo/rax	Diminutivo/ngrire
Kikre rax - casa grande	Kikre ngrire – casa pequena
Kà rax – canoa grande	Kà ngrire – canoa pequena
Kangã rax – cobra grande	Kangã ngrire – cobra pequena
Moxkrã rax – copo grande	Mojkrã ngrire – copo pequeno

(iii) **Número:** as palavras podem ser divididas de acordo com sua quantidade. Uma única unidade do objeto é chamada de singular. O plural significa “muitos” (*krãptĩn e kumex*). O plural de um grupo grande de pessoas é *me*:

13. Omũ no'ók krãptĩm norõkot kumex

Observe as palavras escritas com o plural:

a. Casas / muitas casas = *kikre kumex norõkot kikre krãptĩn*

Figura 18- Aldeia Kõkraxmõr



Fonte : Dilcilene da Silva Menezes

b. Canoas/Muitas canoas=*Kà kumex norõkot Kà krãptĩn*

Figura 19- Canoas Mebêngõkre



Fonte : Dilcilene da Silva Menezes

14.

Quadro 24- Singular e Plural

Singular (=uma unidade)	Plural
Casa – <i>kikre</i>	Muitas casas – <i>Kikre krāptin</i>
Borboleta- <i>wewere</i>	Muitas borboletas- <i>Wewere kumex</i>
Colher – <i>karaxu</i>	Muitas colher – <i>Karaxu kumex</i>
Vestido – <i>kubekà</i>	Muitos kubekà – <i>Kubekà krāptin</i>
Porco do mato – <i>angrô</i>	Muitos porco dos matos – <i>Angrô krāptin</i>
Canoa – <i>kA</i>	Muitas canoas – <i>Kà kumex</i>

15. **Omũ no'òk :**

Observe as palavras escritas com o plural *me*:

Mě ne kubê mẽ krāptĩn ã ujarēnh, mēnire, mẽprire, mẽmy.

Mě pluralizador de pessoas indica muitos:

16. **Mě** kurerer

‘moças’

17. **Mě** uwĩ

‘pessoas órfãs’

C. Nome/ Substantivo: Exercícios

Mě àpenh: (Vamos) todos fazer:

18. *Pur karō nhipēnh, nē kām prĩ nē o':*

Fazer/desenhar uma roça e pintar.

19ª.Dja gar pi'ók no'ók ja djwý pumũ, gwaj baro'ã arẽ.

Olhem o texto nesta página, Vamos ler todos juntos

krĩ

Krĩ bê Mebêngôkre kam apýnh djàri mry, nhým kwý ngô kam ba, tep kumex me, krãtýx kumex me, mĩ kumex me, kangã kumex me.

Nhým kwý bà kam ba, kukryt krãptĩn me, kunũm krãptĩn me, angrô krãptĩn me, ropkrôri krãptĩn me, ngra krãptĩn me, kukênh krãptĩn me, kukôj krãptĩn me, ngĩjadjý krãptĩn me, kuêj krãptĩn me, wewere krãptĩn me, pàt krãptĩn me, ne kam apýnh mry kwý ba djà.

Nhým kam memy djwýnh apýnh tep djàri me mry me kupa, Nhým menire kubô, Nhým me kuku.

Na aldeia

Na aldeia Mebêngôkre encontramos diferentes tipos de animais, no rio vivem muitos peixes, muitas tracajás, muitos jacarés, e muitas cobras.

Na floresta vivem, muitas antas, muitas capivaras, muitos porcos do mato, muitas onças, muitas pacas, muitas cutias, muitos macacos, muitos veados, muitos passarinhos, muitas borboletas, muitos tamanduás, e outros animais.

O homem pesca alguns tipos de peixes e caçam alguns desses animais e as mulheres preparam para a alimentação.

c. No'ók jakam kabẽn kumex norôkot krãptĩn, kaba:

Está escrito as palavras no plural, retire-as:

20. ***Omũ karõ no'ok rax me ngrire:***

Observe os desenhos e escreva o aumentativo e o diminutivo:



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

21. *Dja gar pi'ôk no'ôk ja djwÿ pumũ, gwaj baro'ã arẽ.*

Olhem o texto nesta página, Vamos ler todos juntos.

Menire idjapênh

Ar prítire ne ar **pur** mã **nã** kôt tẽ **kà** o tẽ **kwÿr** kadjy.

Pur kam kwÿr ã karê kam arê **djwÿ ngrà** kadjy kam kwÿr dja jakà pãnh kam kre kam pur kam **kangã** me **tôt** pumũ .

kwÿr o **kà** o ipu arÿm akubyt krĩ mã o tẽ **kikre** kam o bôx nhyr ar **prítire** nã kôt kwÿr kudjô kam piôk tôti kam kudja.

kam ã akati bê nhyr **nã** arÿm anê kam **djwÿ pynênh** djà kam unê nhyr kangô kuni Kato.

ne kam djwỳ arek unêj djà kam ikwã kangô ngrà o ikwã kam ijukri arỳm ngrà kadjy pônô ÿr a tẽ.

O trabalho das mulheres

As **meninas** foram para **a roça** com **sua mãe**, levando seus **cestos** para trazer mandioca.

Na roça, limpavam os matos entre **as mandiocas**, e tiraram mandioca para levar para fazer **farinha**. Com os troncos da mandioca, fizeram outras sementes e plantaram. Viram na roça, cobra e tatu.

Encheram **seus cestos** com mandioca e retornaram para **suas casas na aldeia**. Chegando acasa, **as meninas e sua mãe** descascaram a **mandioca** e colocaram em um **tambor** com **água** para pubar.

Depois de cinco dias, **a mãe** retirou **a mandioca** da água e colocou em **um saco** para espremer, na prensa para retirar todo o líquido da massa.

A massa ficou um dia todo na **prensa**, retirando o líquido, e foi levada ao **forno** para torrar.

22. *Ipêx ari kute apex mã kabendjwỳnh jarênh kajgo:*

Faça um diálogo utilizando os substantivos alienáveis e inalienáveis (do texto 30):



Tãwã ne 'ôk.

'Ela está pintando'.

b.

Figura 21- Meninos Brincando



Ariwã ne bixaêrê.

'Eles estão brincando'

c.

Figura 22 - Indígenas pescando



Tāwã ne Tep wabi

‘Eles estão pescando’.

d.

Figura 23- Mulheres fazendo berarubu



Dwy kupu ipênh

‘Elas estão fazendo berabu’.

A. Verbo-Definição

Mê kabên já nê kubê verbo, ôk, bixaêrê, kukrê, wabi, apex, arĩ, arekdja, já nê kubê verbo.

As palavras “ pintar, brincar, comer,subir, trabalhar, pular, ficar”, chamam-se verbo.(os verbos expressam atividades, processos e estados)

B. Verbo- Exercícios

24.*Gwaj mekarõ omũ, atãri gwaj arênh.*

Vamos ver as figuras e depois fazer a leitura

Figura 24- Ilustração de indígena em sua canoa



- a- Ele está pescando.
‘tãwã ne tep wabi’.
- b- A casa está aberta.
‘kikre ne ã kwyrý’.
- c- Ele está brincando.
‘tãwã ne bixaêrê’.
- d- Ele saiu de casa.
‘tãwã ne kikre kurum kato’.

25 a. *Dja gar pi'ôk no'ôk ja djwỳ pumũ, gwaj baro'ã arẽ.*

Olhem o texto nesta página, Vamos ler todos juntos.

b. No'ôk jã kam kabẽn verbo kumo ipôk:

Está escrito aqui o que falamos que é verbo, circule-os:

Mẽprire

Mẽprire ne me krĩ bê Kôkraxmôr kam morôdjã, nhỹm kam kikre ipôk ne kam pĩ apỹnh djàri ne kam mry apỹnh djàri, taneja.

nhỹm kam meprire djwỹnh mry jabej ne tep kryre jabej ne me ã kikre djwỹnh ibôx ne nhỹm kam me tykdjã, ari bixaêreojnorere ne me kam õ kwykrẽ kam jãt bôrô me tep kryre me ne me kã kam ngô kã ã õ wabi.

Os meninos

Os meninos **moram** na aldeia Kôkraxmôr, na aldeia **tem** casa no circulo, e diferentes arvores e diferentes animais, é isso.

Os meninos **caçam** animais, **caçam** peixinhos, **chegam** em casa cansado, **param** de **brincar** e vão **comer** batatas assadas, bananas e outros alimentos. **Gostam** também de **pescar** pequenos peixinhos, e **andar** na beirada do rio de canoa.

3.3.3. ADJETIVO

A. Adjetivo-Definição

Mỹjja idji mexkumrẽx kungã, atãri mẽ idji mexkumrex

Designam qualidades, características dos seres e dos objetos:

28.

Figura 25- Menina Mebêngôkre Enfeitada



Mênire Mextire

Menina Linda.

29.

Figura 26- Pulseiras Mebêngôkre



Pulseiras colorida e bonita.

30.

Figura 27- Rio Xingu



Ngô nê kry

A água está fria.

31.

Figura 28- Ilustração de um macaco



Kôkôï tykre.

Macaco preto.

Mê kabên já kam nê mỳjja anidji kubê adjetivo.

As palavras escritas acima, depois dos nomes são adjetivos.

B. Adjetivos-Exercícios

26-. **Gwaj arênh:**

Vamos ler :

Mênire ja ne mexkumrêx, Ne kam tãmja kî tykre, Ne kam ano ngrãngrã, Ajkwadjwy ne ngrire, Ne kam Kamrêkre.

A mulher é **bonita**. Ela tem os **cabelos pretos**, tem **olhos verdes**, **boca pequena e vermelha**.

27. Karõ já mã adjetivo õ no'õk:

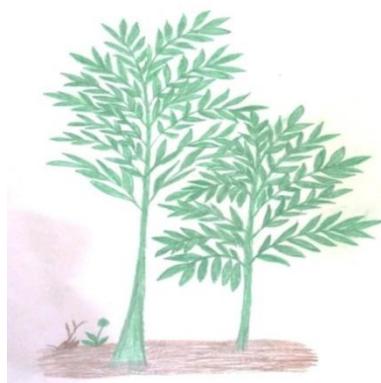
Escreva adjetivos para as figuras:

a.



Fonte: Bebĩn Kayapo

b-



Fonte: Bebĩn Kayapo

c.



d.



Fonte: Dilcilene da SilvaMenezes

e.



Fonte: Dilcilene da Silva Menezes

3.3.4 Posposição

A. Posposição-Definição

Tamjãm nẽ ba inhikjê kadjy arẽnh, mẽ morõdjà, myt ã akre.

Expressa relações nas sentenças de companhia, local , tempo, etc...

28- Mẽ kabẽn bẽ posposição jarẽ:

Leia os diálogos com posposições:

a.



Fonte: www.gloogle.com.

b.



Fonte: www.gloogle.com

c.



Fonte: www.gloogle.com

Kàjmã mẽ kaběn já nẽ kubê posposição:kūrũum,yr, kôt,mã,kam

O dialogo acima tem palavras que são posposições: “de,para, a com, em”.

C. Posposição-Exercício

29- Mẽ kabẽn bê posposição bit dja ga kaba:

Retire as palavras que são posposições:

a- Inã **kõt** ne ba pur**mã** itemã. (Vou para a roça com minha mãe)

b- Pur **kurũm** ne ba tẽ. (eu vim da roça)

c- Krĩ **kam** ne ba. (Estou na aldeia)

d- Ngõ ‘**yr** ne ba tẽ. (Estou indo para o rio)

e- Mõpka ne nã **ro’ã** ngõ **mã** tẽ. (Mõpka foi junto com sua mãe para o rio)

3.3.5 ADVÉRBIO:

A- Advérbio-Definição

Verbo me adjetivo o apa.

Modifica o verbo e o adjetivo (indicando maneira e intensidade):

30 . kabẽn *mex kumrẽx*

‘fala muito bem’

b. *amra týx*

‘grita forte’

B. Advérbio- Exercício

31. *Mě kaběh ã nodja omũ nẽ advérbios bit mã o ipôk:*

Observe as frases e circule os advérbios:

- a- *Kubêngête ne **amĩprĩ** kwykrẽ.* (A velha come lentamente)
- b- *Kàti ne **mrã tyx.*** (O barco anda rapidamente)
- c- *Měmy ne **kuni kôt** kubeja'ê kam òtônõ.* (O homem sempre dorme na rede)
- d- *Měnire ne **õka** atydjà kam òtônõ kêt.* (A menina nunca dorme na cama)
- e- *ga ne ga mebêngôkre kabem mari **mex.*** (você sabe fala bem o Mebêngôkre)

4. - Considerações finais

Nesta dissertação de mestrado, aprofundamos um pouco mais o conhecimento lingüístico que existe sobre a língua Mebêngôkre. Debruçamo-nos sobre a investigação das classes lexicais – nome, verbo, adjetivo, posposição e sobre as categorias funcionais. Os critérios adotados para a identificação das categorias foram os sintático e morfológico. O critério sintático foi mais eficiente, dado que a língua é do tipo isolante.

Verificamos que o Mebêngôkre apresenta evidências para a existência das quatro categorias lexicais consideradas como universais, assim como defendido por Chung (2014). São elas: nome/substantivo, verbo, adjetivo e posposição. Também foi comprovada a manifestação da classe de advérbios.

Focalizamos na sintaxe dos sintagmas e constatamos que os nomes distinguem posse inalienável de posse alienável. Os substantivos inalienáveis referem-se as coisas pessoais que não podem ser transferidas a outras pessoas, como partes do corpo, parentes, estados psicológicos ou físicos e adereços. Este tipo de posse é codificada por meio de afixos pessoais. Os substantivos alienáveis referem-se a coisas que podem ser transferidas, como utensílios e meios de transportes. Este tipo de posse é expressa por meio de um morfema possessivo livre. A manifestação do gênero é feita por adjetivos – *my* (macho) e *nire* (fêmea). A expressão do grau é também realizada por meio de adjetivos – *ngrire* (pequeno) e *rax* (grande). O número é indicado por adjetivos – muitos e poucos: *krãptĩn* e *kumex*. Assim, reconhecemos as seguintes categorias funcionais relacionadas ao nome: afixos de posse, marcador de posse alienável e determinante, já que há uma classe de demonstrativos. Os pronomes demonstrativos são *wã*, *já* e *arijã* que indicam a posição das entidades no discurso, situando-as no tempo ou no espaço.

Relacionados ao significado do verbo ocorrem com os morfemas funcionais independentes *ne* e *dja*, que indicam evento não-futuro e futuro, respectivamente. O *dja* ocorre à esquerda dos pronomes de sujeito, enquanto *ne* ocorre sempre à esquerda do sujeito sendo ele um pronome. *Ne* e *dja* são elementos funcionais independentes que expressam as noções de tempo/aspecto. As outras noções aspectuais podem ser dadas com o auxílio de advérbios. Há três tipos de aspecto o habitual, aspecto progressivo e completivo. O aspecto habitual pode ser indicado por advérbios, por sintagmas posposicionais (SPs) e até mesmo por *ne*. O aspecto progressivo pode também ser indicado por *ne* e pelos verbos

auxiliares posicionais (“ estar sentado, deitado , em pé”). O aspecto completivo é dado por *ne* e também pelo advérbio *ja*.

Os pronomes se dividem em várias classes e são elementos funcionais. A maioria dos pronomes da língua tem natureza independente. Somente os da série que marcam posse, sujeito intransitivo e objeto são afixos. Também o pronome que representa o objeto direto – *ku* tem natureza afixal.

O adjetivo na língua aparece nas funções atributiva, predicativa e, alguns, atuam como advérbios. Na função predicativa, o adjetivo pode co-ocorrer com o verbo cópula *ja*.

Os advérbios da língua são de vários tipos que determinam a sua posição na oração. .

As posposições expressam várias relações semânticas, como companhia, local, direção e tempo, e se combinam com pronomes presos de 1ª e 2ª pessoa singular que expressam os seus complementos.

Existem várias outras questões sobre as categorias e funções das palavras em Mebêngôkre que merecem ser estudadas em pesquisas futuras, tais como as repetições dos pronomes de sujeito, por exemplo.

Finalmente, com esta dissertação, podemos dizer que contribuímos um pouco para o acesso ao conhecimento gramatical do Mebêngôkre, uma vez que tentamos descrever de modo simples e claro o comportamento das categorias lexicais e ainda elencamos os morfemas que podem ser analisados como funcionais. As outras categorias funcionais presentes em outras línguas do mundo, como gênero, grau, número e certos tipos de aspectos são codificadas em Mebêngôkre através de adjetivos e advérbios. Outra modesta contribuição desta dissertação é o esboço inicial de uma futura gramática destinada ao ensino das crianças Mebêngôkre.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

—. “Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas”, *Ciência Hoje*, 16: 95, novembro de 1993 (pp. 20-26).

_____. (1974). *Problèmes de linguistique générale*, Vol. II, Paris: Gallimard.

<portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ens_fund/Alf-mortattisttextalfbbr.pdf>

ALMEIDA FILHO, J. C. P de. O Português como língua não-materna: Concepções e contexto de ensino. Acervo digital do Museu da Língua Portuguesa, 2005. Disponível em: . Acesso em: 12/ 04/2015.

ANDRÉ, Marli. Questões sobre os fins e sobre os métodos de Pesquisa em Educação. *Revista Eletrônica de Educação de São Carlos, SP: UFSCAR*, v.1, n.º 1, setembro, 2007, p.119-13

ANTUNES, I. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

ARNAUD, Expedito. A expansão dos índios Kayapó-Gorotire e a ocupação nacional (Região Sul do Pará). In: ----- . O índio e a expansão nacional. Belém: Cejup, 1989. p. 427-85. Publicado originalmente na separata da Revista do Museu Paulista, São Paulo, n.s., v. 32, 1987.

ASSOCIACAO IPREN-RE DE DEFESA DO POVO MEBENGOKRE. Currículo do Curso de Formação de Professores Mebengokre, Panará e Tapayuna Gorona. s.l.: Associação Ipre- Re, 2001. 92 p.

BECKER, H. S. et al. *Boys in White: students culture in a medical school*. Chicago University Press, 1961.

BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*, Vol. I, Paris: Gallimard.

BORGES, Marília. Aspectos da morfossíntaxe do sintagma nominal na língua kayapó. Brasília : UnB, 1995. 57 p. (Dissertação de Mestrado).

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais – ensino fundamental - língua portuguesa. Brasília: MEC, 1998a.

Brasileiras. Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999.

CHUNG, Sandra. 2012. *Are lexical categories universal? A view from Chamorro*. Theoretical Linguistics-vol.38.

COSTA, Lucivaldo Silva da. Uma descrição gramatical da língua xikrín do cateté (família jê, tronco macro-jê). 2015. 357 f., il. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

COSTA. Lucivaldo Silva Da Costa. (2003). Flexão Relacional Ergatividade em Línguas Jê. Dissertação de Mestrado. UFPA- Universidade Federal do Pará. Belém maio/2003

D'ANGELIS, Wilmar. 2000. Alfabetizando em comunidade indígena. Portal Kaingang.

FARACO, C.A. 2006. Ensinar x não ensinar gramática: ainda cabe esta questão? Calidoscópio, 2006, 4 (1):15-26. maio-ago. 2012.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. (2014), Artigo sobre POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA, REVISTA DE EDUCAÇÃO DO VALE DO ARINOS – RELVA POLÍTICAS PÚBLICAS E SUAS DIVERSIDADES RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 2, n. 2, p. 106-114, jul./dez. 2015.

FREIRE, Carlos Augusto da rocha (org). Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre os serviços de proteção aos índios (1910-1967)/Carlos Augusto da Rocha Freire (org.). Rio de Janeiro: Museu do índio – FUNAI, 2011

GIANNINI. Isabelle Vidal, 1991. Os domínios cósmicos: um dos aspectos da construção da categoria humana *Kayapó*- Xikrin. Revista de Antropologia, 34: 35-58

Handouts da Disciplina de Introdução a Morfologia do Curso de Linguística e Línguas Indígenas da PROFFLIND 2017.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA) Org., De olho nas Terras Indígenas. Disponível em: Acesso em: fevereiro de 2018.

LEA, Vanessa. 2012. Riquezas intangíveis de pessoas partíveis: Os Mebêngôkre (kayapo) do Brasil central/ Vanessa R. Lea – São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2012.496p.:il.; 27cm.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

- LUKESCH, Anton. 1976 [1969]. Mito e vida dos Caiapós. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- Malinowski, B. Objeto, Método e alcance desta pesquisa. In: Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Malinowski, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MELATTI, Júlio César. Corrida de toras. Rev. de Atualidade Indígena, Brasília: Funai, n. 1, p. 38-45, 1976
- MILLER, Joana. Antes os brancos já existiam: uma análise crítica do modelo de contato de Terence Turner para os *Kayapó*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. (Dissertação de Mestrado).
- MIRANDA. Ana Ruth Moresco Miranda . Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [35]: 359 - 405, janeiro/abril 2010
- MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos Métodos de Alfabetização no Brasil. 2006. Disponível em:
- MÜLLER, Regina Polo. 1990. *Os Asuriní do Xingu: História e arte*. Campinas: Editora da Unicamp. 349 p., ilustr.
- Murphy, G. L. and Medin, D. L . (1985) The role of theories in conceptual coherence. *Psychological Review*. 92, 289-316.
- OLIVEIRAS. Tatiana raick kuczmanda de. (2008) As Classes Verbais em Paumarí. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- POSSENTI, S. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.
- QUARESMA, Francinete de Jesus Pantoja, 2012. Análise de Livros Didáticos do povo Mebêngôkre. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Letras, Belém.
- RADFORD. Andrew. 2004. *Syntax: A minimalist introduction*. Cambridge University Press.
- REIS SILVA, Maria Amélia (2001). Pronomes, ordem e Ergatividade em Mebêngôkre. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas, SP.: IEL-UNICAMP.
- ROBERT, Pascale de; LÓPEZ GARCÉS, Claudia; LAQUES, Anne-Elisabeth; COELHO-FERREIRA, Marília. A beleza das roças: agrobiodiversidade, Mebêngôkre-Kayapó em

tempos de globalização. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 2, p. 339-369,

RODRIGUES, A. D. (1986). *Línguas brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas* (São Paulo, Edições Loyola, 1986, 134 p.).

RODRIGUES, Aryon DalHgna. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. Loyola, São Paulo, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. _____. *A originalidade das línguas indígenas*

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. (1986) Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola.

SALANOVA, Andrés Pablo (2001). *A nasalidade em Mebengokre e Apinayé: o limite do vozeamento soante*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas, SP.: IEL-UNICAMP.

SANTOS, Ludoviko. *Elementos de Pesquisa: A Descrição de Línguas Indígenas*. In SEMINARIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGUISTICOS E LITERARIOS DO PARANÁ – CELLIP, 7, 1994, Paranavaí. Anais...Paranavaí, 1994.p.555-558.

SEKI, Lucy. *Problemas no estudo de uma língua em extinção*. Boletim da ABRALIN, 6, p.109-118. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/seki_1984_problemas Semana Mebengôkre Museu Nacional, Rio Janeiro.

SILVA, Wagner R. (2016). *Estudo da gramática no texto: demandas para o ensino e a formação do professor de língua materna*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá.

STOUT, Mickey; THOMSON, Ruth (1974). *Fonêmica Txukuhame)i (Kayapó)*. *Série Linguística* 3:153-176.

THIOLLENT, M. (1988). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez

TURNER, Terence. 1966. *Social structure and political organization among the Northern Cayapó*. Tese de Ph.D. Cambridge: Harvard University.

TURNER, Terence. 1979. *Kinship, household and community structure among the Kayapó*. In: D. Maybury-Lewis (org.), *Dialectical Societies*. Cambridge, Mass. & London: Harvard

University

Press.

pp.

179-214.

TURNER, Terence. 1984. Dual opposition, hierarchy and value: moiety structure and symbolic polarity in Central Brazil and elsewhere. In: J.C. Galey (org.), *Différences, valeurs, hiérarchies: textes offerts à Louis Dumont*. Paris: Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. pp. 335-370.

TURNER, Terence. 1991. The Mebengokre Kayapó: history, social consciousness and social change from autonomous communities to inter-ethnic system. Manuscrito inédito. Departamento de Antopologia. Universidade de Chicago. 337pp.

TURNER, Terence. 1995. An indigenous people's struggle for socially equitable and ecologically sustainable production : the Kayapó revolt against extractivism. *Journal of Latin American Anthropology*, s.l. , v. 1, n. 1, p. 98-121,.

TURNER, Terence. 1995b. Neo-Liberal eco-politics and indigenous peoples : the Kayapó, the "rainforest harvest", and the body shop. In: DICUM, Greg, ed. *Local heritage in the changing tropics*. s.l. : Yale School of Forestry and Env. Studies, 1995. p. 113-23. (Bulletin Series, 98)

URBAN, Greg. "A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas", in Carneiro da Cunha (org.), *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Fapesp/ SMC/Cia, das Letras, pp. 87-102, 1992.

VERSWIJVER, Gustaaf. 1992. The club-fighters of the Amazon: warfare among the Kayapo Indians of Central Brazil. Gent: Rijksuniversiteit Gent. 378 pp. (Publicação da tese de doutorado do autor, de 1985: Considerations on Mekrãgnotí warfare. Faculteit van Rechtsgeleerdh.

VERSWIJVER, Gustaf. 1978. Enquete ethnographique chez les Kayapo-Mekragnoti : contribution a l'etude de la dynamique des groupes locaux (scissions et regroupements). Paris : École des Hautes Études, 1978. 138 p. (Tese)

VERSWIJVER, *Gustaaf*. 2002. "Die Rites de Passage der Kayapó." In *Amazonasindianer. LebensRäume. LebensRituale. LebensRechte*, edited by Doris Kurella and Dietmar Neitzke, 173–205. Berlin/Stuttgart: Reimer/LindenMuseum. Wagley, Charles. 1983 [1977].